



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Entrevista de **Mônica Martins da Silva**, realizada por Cristiano Nicolini e Patrícia Maria Jesus da Silva em 28/6/2025, na cidade de Florianópolis, na UFSC.

Legenda da transcrição

E1: Entrevistador 1 (Cristiano Nicolini)

E2: Entrevistadora 2 (Patrícia Maria Jesus da Silva)

R: Entrevistada (Mônica Martins da Silva)

A transcrição foi realizada e revisada por Cristiano Nicolini.

E1: Hoje é dia 28 de junho de 2025, são 9 horas e 40 minutos da manhã. Nós vamos hoje conversar com a professora Mônica Martins da Silva, a nossa entrevistada do projeto Histórias e Memórias de Vida de Professores e Professoras do Campo do Ensino de História no Estado de Goiás, com o recorte de 1980 a 2010. Inicialmente, nós agradecemos à professora Mônica pelo aceite de participar desse projeto, que é composto por professores da Universidade Federal de Goiás, estudantes de graduação e pós-graduação, professora Patrícia, representante da Rede Municipal de Educação de Goiânia e a professora Kenia Erica, do Instituto Federal de Goiás. Então, professora Mônica, para Para iniciar a nossa conversa, nós gostaríamos que você se apresentasse,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

seu nome, data e local de nascimento e como você gostaria de ser chamada nessa entrevista.

R: Bom dia, Cristiano, Patrícia, eu sou Mônica Martins da Silva, eu nasci em Goiânia, 15 de setembro de 74, e por mim pode ser Mônica, simplesmente Mônica.

E2: Professora Mônica, fala sobre sua família, o que você lembra sobre suas histórias familiares, você tem irmãos, nome deles?

R: Bom, eu tenho família, hoje eu moro em Santa Catarina, já moro aqui há 15 anos, mas a minha família, a maior parte dela, ainda mora em Goiânia, e eu nasci e cresci em Goiânia; tive um irmão, mas que nasceu bem depois, a gente tem uma diferença de idade de oito anos, e algo assim que eu... duas coisas que eu acho que me marcaram muito na minha infância, uma delas é que eu era filha de dois pais trabalhadores, então eu tenho uma memória de estar sempre em movimento, sempre na casa de alguém que cuidava de mim, de um vizinho, de uma tia, então me lembro de uma infância com muito movimento, porque meus pais trabalhavam, então me recordo de muitos arranjos, para alguém sempre cuidar de mim, para eu não ficar sozinha. Então, tem um pouco essa memória da minha infância. Acho que também uma outra coisa que me marcou



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

muito, eu fico pensando como as coisas se conectam, é que eu me lembro que eu brincava muito de escolinha, quando eu era criança. Como eu fui filha única, até os oito anos, então, brincava muito sozinha, e me lembro de brincar muito de escolinha, sempre com cadernos, sempre conversando com alunos imaginários; eu sempre era professora, nunca era o próprio estudante. Então, tem essas memórias, mas eu acho que talvez as memórias mais importantes da minha infância foi o período de convivência com os meus avós. Então, eu tive oportunidade, os meus avós maternos... com os meus avós paternos, eu convivi bem menos, mas com os meus avós maternos [lembro] que eles tinham um sítio, eles são mineiros, a família da minha mãe é toda de Minas Gerais, então eles migraram para Goiás; eu não sei bem o período, mas os meus avós, depois de passar por vários lugares, eles se estabeleceram, num sítio ali na região próximo de Indiara, fica a uns 90 quilômetros de Goiânia. Então, uma boa parte da minha infância foi lá, com os meus avós. Eu cheguei a morar com eles por um tempo, acho que uns seis meses, oito meses. Então, essa convivência com os meus avós foi muito marcante, porque eu vivenciei muito desse mundo rural deles. Era um pequeno sítio onde eles produziam tudo... boa parte do que eles precisavam. Era um lugar com muita festa popular; então lembro da casa do meu avô ser casa de pouso de folia, a casa onde acontecia a novena de Santa Luzia, então vivenciei muito isso, que eu acho que depois foi fundamental para as pesquisas que eu fui desenvolvendo; então convivi muito com eles, especialmente com a



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

minha avó, e minha avó era uma contadora de histórias, então me lembro muito das histórias que ela me contava; aquelas histórias do imaginário popular... a gente convivia muito, e à noite, especialmente, como não tinha luz elétrica lá no sítio, todo dia à noite ela me contava histórias; eu tive uma parte da minha infância nesse contexto, com eles, e foi algo que me marcou muito... depois, quando escrevi minha dissertação, até fiz um agradecimento para eles, que eu acho que eles enriqueceram a minha vida, com histórias, com todo esse mundo rural, dos mutirões, aqueles processos de matar o boi, dividir com a vizinhança inteira, matar o porco, fazer a pamonha, coisas que depois, em Goiânia, por exemplo, eu me lembro de vivenciar algumas coisas, lá na região onde eu morava, mas muito pouco, então acho que era algo muito próprio daquele contexto deles e de outros contextos rurais, que depois, estudando já como historiadora, eu fui entender que isso eram práticas muito comuns no interior brasileiro; me lembro dos Parceiros do Rio Bonito, que contavam exatamente as coisas que eu tinha vivido com os meus avós. Então, acho que de memórias mais marcantes, essas são as maiores que eu destacaria para vocês.

E 1: Desculpa, professora, qual é a cidade mesmo?

R: A cidade é o município de Indiara... município de Indiara... eu não sei bem agora qual é a região de Goiás, mas fica a 90 quilômetros, 90 quilômetros de



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Goiânia, é um sítio que fica próximo dessa... ficava próximo dessa cidade, cidade de Indiara.

E 1: Perfeito, obrigado, professora. E ainda pensando sobre essas memórias de infância, poderia nos falar mais especificamente sobre a sua primeira escola, se você lembra? Poderia descrever o prédio, pátio, sala de aula, e outros aspectos, e professores e professoras que podem ter, de alguma forma, sido mais marcantes para você na sua experiência escolar, de educação escolar?

R: Sim, eu posso descrever bastante, sim, porque eu tenho muitas memórias, então eu fui filha única, até os oito anos de idade, como eu tinha dito, então os meus pais, pelo menos nessa primeira fase da minha escolarização, eles pagaram uma escola privada para mim. Eu estudei numa escola privada de Goiânia, que ficava, fica, eu acho até... acho que essa escola ainda existe em Goiânia, salvo engano. Ela funcionava na época na Avenida Paranaíba, que chama Educandário Paranaíba. Então, é uma escola bem pequena, me lembro que ela tinha um pátio bem pequeno e boa parte do edifício eram as salas de aula, tinha uma escada, então era uma casa, uma casa antiga que era uma escola. Então, me lembro muito, assim, desses espaços, dos colegas com quem eu convivia... Inclusive, para mim, era muito marcante, porque eu via que os meus colegas eram de uma classe social bem diferente da minha. Então, os



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

meus pais eram trabalhadores, meu pai era militar. Era militar da polícia militar, e a minha mãe era dona de casa. Depois que ela começou a trabalhar... mas ela era dona de casa. Então, basicamente, a gente vivia do salário do meu pai, que não era muito... nem sei como é que eles conseguiam pagar essa escola pra mim, não sei se alguém ajudava, mas eu notava a diferença do tipo de vida, das coisas que meus colegas falavam, mas isso não era uma questão, também... era uma criança ... acho que fui uma criança muito, muito bem assistida... meus pais, a minha mãe era muito preocupada, com a minha roupa, com o meu cabelinho, então me lembro muito de descer do ônibus... eu vinha ali da... morava num bairro ali próximo da UFG; a gente pegava o Campus, o Campus Centro, e descia ali na Avenida Araguaia, cruzava a Avenida Araguaia e passava em frente à igreja... aquela igreja que tem ali na esquina da Paranaíba com a Araguaia... caminhava um pouquinho pela Paranaíba e chegava na escola... então me lembro disso... meus pais me levaram por um bom tempo... a gente ia de ônibus, depois de uma época tinha uma pessoa que me levava, porque minha mãe não podia mais levar... o meu pai... e essa era uma escola [em] que eu tive algumas pessoas importantes... para mim foi muito marcante: a primeira professora... até tem uma foto dela guardada, a professora Janete... tenho umas imagens... d'eu sempre em festas, em eventos, a escola fazia muitos eventos. Me lembro uma vez que eles fizeram eventos da Semana do Índio e, curiosamente, quem era a índia? [risos] Me lembrei disso agora. A



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Índia da festa fui eu, porque eu tinha a pele mais... eu era um pouco mais... a pele era mais morena do que os meus colegas. Daí a gente vê que era uma escola branca, então eu era mais morena e eu virei a Índia... então minha mãe... a professora acho que orientou a minha mãe a me arrumar... eu fui com o cabelinho todo arrumadinho... botaram umas penas na minha cabeça e eu fui a indiazinha, mas o meu papel era meio assim... meio que ficar acenando [risos]. Teve essa situação... mas isso não era uma questão na época... hoje que eu fico me dando conta disso, como uma professora que pesquisa a questão das relações étnico-raciais... então a gente vê o quanto que as escolas, nos seus currículos ocultos, o quanto que elas vão construindo representações... elas vão escrevendo os alunos em lugares ali determinados. Então isso é uma coisa que eu, depois, me lembrei, enfim... E é isso... mas, por outro lado, era uma escola que, como era pequena e eram poucas turmas, então eu tenho uma memória de ser um lugar acolhedor... eu não me lembro de ser excluída, de ter conflí... maiores conflitos, não... eu acho que era um espaço onde era tudo muito cuidado, até porque não eram tantos alunos assim, então eu me sentia bem acolhida... mas eu não tenho muitas memórias dos meus outros professores... curioso isso... não me lembro muito dos demais... me lembro dessa primeira professora, me lembro de algumas situações com os colegas, brincadeiras... A gente tinha uma casa do lado, que eles diziam que era uma casa mal-assombrada, então a gente ficava conversando sobre aquela casa mal-



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

assombrada do lado... ali na Paranaíba... Então, são as memórias mais marcantes, e aquelas coisas de aprender a escrever a caneta... aquilo também para mim era bem marcante, aquela coisa de aprender a segurar pelo controle da caneta... me lembro disso, mas são cenas mais episódicas... não tenho tantas memórias. Eu não sei se eu posso falar da minha outra escola, do ensino fundamental, da segunda parte. Essa escola, na época Educandário Paranaíba, só tinha até a quarta série, então eu fiz lá da primeira à quarta série. E isso foi 84... eu comecei em 80 e foi até 84. Então, em 85, eu já fui para o que seria hoje os anos finais, para a quinta série. E aí eu estudei numa outra escola lá de Goiânia, essa um pouco mais próxima da minha casa, que fica ali no setor Santa Genoveva, que é uma escola adventista... eu sei que essa escola existe até hoje... Os adventistas têm muitas escolas... a minha família... a nossa casa lá em Goiânia, ela era ao lado de uma igreja adventista. E, então, tinha uma comunidade muito forte de adventistas ali naquela região. Então, anos depois, eu descobri que meus pais ganharam uma bolsa para eu estudar lá... Eu nunca soube disso, eu fui saber depois, já adulta. Era uma escola privada, eu não sabia que eu era bolsista. Mas, enfim, fui bolsista, e lá eu estudei da quinta até a oitava série. Então, essa escola, para mim, ela foi mais mais marcante, por conta da... também que eu era um pouco mais velha... eu acho que eu passei ali... eu me tornei adolescente naquela escola... era um lugar, uma escola maior, e lá eu também vivi algumas coisas, acho que um pouco mais hostis, que me marcaram



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

muito. Então, primeiro que ela era uma escola religiosa, então eu vivia muito esse conflito, porque eu não era da religião, então a maioria das pessoas que estudavam lá eram dessa igreja adventista... eu não era... não me lembro de ter sido em nenhum momento abordada para me converter... não existia isso, mas existia aquelas pressões sutis... então me lembro que tinha... lá todos os funcionários eram adventistas. Então, eu me lembro uma vez de estar lá na escola, conversando com a secretária da escola, e ela ficava me falando que não existia felicidade... essa pessoa não acreditava em Jesus. Então tinham aqueles valores implícitos nos discursos, na prática dos professores, também, então isso tudo aparecia. Mas, ao mesmo tempo, era uma escola que tinha pessoas que não eram adventistas como eu... era uma escola privada, morava ali, então eu notava que tinha muita gente que morava ali no Jaó e no Santa Genoveva, que estudava lá, que não necessariamente era adventista... eu acho que os pais achavam que ali poderia ser uma boa escola, então eu tive uma convivência com outros colegas... até me lembro que eu tinha um colega muito maluquinho, que se chamava Léo e, na época, isso acho que já na sétima série, foi o auge daquela música Eduardo e Mônica, do Faroeste Caboclo... lançou aquela música e eles cantavam Leonardo e Mônica, só que ele era gay e ele era uma piada... ele ria e fazia piada, então eu me lembro disso eu e o Leonardo, eles cantando Leonardo e Mônica e a gente rindo daquilo porque não tinha nada a ver... ele fazia trejeitos, todo mundo sabia disso, então era isso...



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

aí também me lembro que eu tinha uma outra colega que morava ali no Santa Genoveva que a gente, às vezes, ia estudar na casa dela, ia fazer trabalho, almoçava lá. Ela também não era adventista, então eu acabava me aproximando mais desses que não eram adventistas. Mas tinha isso, era uma escola que, essa coisa dos valores morais, eles eram muito fortes, então me lembro disso povoando todo o meu imaginário de adolescente, então aquilo.. o que é uma menina... Por exemplo, eu tive uma disciplina nessa escola que era educação para o lar... isso a gente está falando de 87... 86, 87, eu acho, mais ou menos... então, além das disciplinas convencionais, eu tinha essa disciplina de educação para o lar, mas era uma escola também que ela tinha muito incentivo para os esportes... a escola tinha uma quadra grande... era uma quadra aberta, não era coberta, mas me lembro de fazer aula de voleibol, aula de handebol... tinha muito aqueles eventos de retiro, que você viajava final de semana, ia encontrar os colegas, ficar lá no final de semana... eu fui em alguns, não em muitos... tinha muita gincana, era uma escola que tinha muitas coisas pra fazer, e eu acho que ia me dividindo em tudo aquilo, ia gostando. Uma coisa que eu acho interessante comentar é que o meu livro de história era um livro que, anos depois, quando eu me encontrei com esse livro, eu até me emocionei... que é um dos livros mais tradicionais didáticos, é um livro de um autor chamado Borges Hermida... eu até tenho vontade, em algum momento, de estudar esse autor, porque eu fiz toda a minha... todo o meu ensino fundamental nos anos



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

finais com Borges Hermida. Então, eu me lembro daquelas figuras. Mas o mais engraçado é que os professores de história, eles eram muito legais. Eles não eram professores tradicionais, nesse sentido. Eles contavam histórias, eles eram divertidos... Então, eu tive, por exemplo, um professor que agora o nome dele me fugiu, mas ele era muito legal. E a gente fazia trabalhos e ele escrevia do lado: “Nossa, que legal, você se esforçou, que bom”... então eu não tenho uma memória de uma história tradicional; ainda que fosse tradicional, o livro era muito tradicional... hoje eu tive a oportunidade de olhar esse livro do Borges Hermida, posteriormente... eram muitos os heróis brasileiros, os fatos políticos daquela história, mas aí do ponto de vista da minha experiência não era isso... foi isso que ficou... não eram aulas chatas... eu gostava de estudar aquilo e, enfim, eu tive esse professor, eu acho... como é que é o nome dele, gente? Tá vindo assim na minha cabeça, mas não... eu tive acho que uns dois professores de história... os dois eram bem legais... inclusive um, eu nem sei se eles tinham formação em história, talvez até não tivesse.

E1: Ambos homens?

R: Dois professores homens... a maioria homens... eu tive algumas mulheres, mas história, geografia, todos eram professores homens... então tive isso com o ensino de história, mas que, na verdade, quando eu fui para o ensino médio,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

então aí eu voltei a estudar no centro de Goiânia... eu estudei numa escola, que não existe mais, que era ali na Avenida Goiás... se chamava Escola Estadual Rui Barbosa, que hoje, depois de anos... eu passei ali... eu sei que agora virou alguma coisa da Secretaria da Educação... eu não sei se da Secretaria da Educação ou da Polícia... era uma escola que virou um equipamento do Estado, que eu não sei se é da própria Secretaria de Educação ou da Polícia, mas ali eu fiz meu ensino médio... e essa escola foi fundamental na minha vida. Na época, eu queria fazer a seleção lá do que hoje é o IFG, que era o Instituto Federal... acabei não fazendo... fui para essa escola, era uma escola que tinha ensino médio, mas era um ensino médio profissionalizante, então meus pais achavam que era bom eu fazer um curso assim, para já ter uma profissão, enfim... eu fui para essa escola... era técnico em contabilidade o curso, só que o técnico vinha em algumas matérias... o curso tinha as disciplinas normais: português, matemática, biologia, talvez em função das disciplinas técnicas, que eram diluídas, talvez eu tenha tido menos matérias, talvez um pouco menos de química, mas me lembro de ter estudado química, física... eu tinha uma disciplina que era estatística, porque como era um curso na área de contábeis; eu tive excelentes professoras de história, excelentes... inclusive, uma coisa marcante pra mim foi que eu estudei com o livro da Elza Nadai. Então... eu estudei com o livro do Borges Hermida nos anos finais, e quando eu chego lá, eu me lembro de uma professora... hoje eu tô com a memória péssima... foram



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

peessoas maravilhosas na minha vida, que eu não tô lembrando o nome hoje [risos]. Depois, se eu lembrar, eu falo pra vocês, posso mandar. Mas eu tive uma professora no primeiro e no segundo ano de história, ela era totalmente maluca. Ela chegava na sala, ela se vestia colorida, ela tinha uns colares, e ela chegava, ela debochava da gente, ela fazia uma piada. Gente, aquela mulher... porque eu vinha de uma escola absolutamente tradicional. Então, encontrar aquela mulher irreverente, de risada solta, e ela falava da história... ela ficava debochando da gente no sentido assim... “vocês acham que história é isso, né? História é luta, é revolução”. Então ela era uma mulher de esquerda... assumidamente de esquerda... e eu ficava encantada com aquela figura... e aí a gente estudava com o livro da Elza Nadai, me lembro que era muito diferente, porque era um livro com mais conteúdo, com menos imagens, mas era um livro com um viés muito crítico, até... fico pensando, hoje... gente, acho que eu queria voltar e reler esses livros... que pena que eu não guardei... eu não fiquei com esses livros, acho que foram, foi pro lixo, em algum momento da vida, mas aí eu me lembro bem... a diferença, da história, da abordagem de história que eu tinha antes, com ela... e aí, no terceiro ano, eu tive uma professora, essa sim eu não me esqueci do nome dela, porque ela foi marcante demais, que foi a professora Darcy. E nesse contexto do ensino médio, eu comecei a me envolver com os movimentos estudantis. Então, primeiro, eu, por conta mesmo dessa escola, dos meus vínculos com essa escola, eu conheci um pessoal que eles



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

iam lá fazer visitas, conversar, eu me juntei com um pessoal de um movimento chamado *Reviravolta*. E essa *Reviravolta* era a juventude petista que existia à época... isso foi em 80 e, peraf... 88... eu terminei lá a escola adventista... isso foi 89, 89 para 90, foi logo... acho que foi 89 para 90 que eu conheci esse pessoal. Então, eu comecei a frequentar... o PT tinha a sede política ali no Setor Sul, que eu não sei se hoje é lá ainda... então tinha uma casa ali que era a sede do PT, e eu me lembro de frequentar muito essa sede do PT nas reuniões da *Reviravolta*. E a *Reviravolta* tinha todo um processo de formação desses jovens... jovens que queriam, de escolas públicas... eles faziam isso, que era formação política... então ia lá para fazer discussão política, e depois de um tempo que a gente tinha essa formação, a gente começava a visitar escolas, então eu, depois de um tempo, comecei a ir em escolas para exatamente incentivar as escolas a formar grêmios, então eu acabei indo para o grêmio da minha escola... quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, já era do grêmio da minha escola. E eu também comecei a fazer formação nas escolas, com esses meus amigos lá dessa *Reviravolta*, para formar grêmios em outras... inclusive, trabalhei nisso por um tempo. E essa escola foi tudo isso, que foi meu encontro com o movimento estudantil... inclusive eu cheguei uma época, isso já no finalzinho do terceiro ano do ensino médio, eu cheguei a fazer parte da diretoria da UMES, que é a União Municipal dos Estudantes... é a versão local da UNE... eu cheguei a fazer parte desse movimento, enfim... eu conheci muita



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

gente nesse contexto aí, conheci muita gente... Lembro muito de também me aproximar, porque como o grupo era grande, então tinha muitas vertentes... então é uma época eu me aproximei muito também da juventude socialista, que é ligada à igreja, como é que é? Da JOCS, agora esqueci o nome.... Me lembro de participar de algumas formações. Tem a Casa da Juventude ali em Goiânia, que eles faziam retiros. Eu me lembro de já ter passado alguns finais de semana ali, que a gente ia pra lá e ficava lá... Então, tinha formação, tinha palestra, tinha reunião, tinha reunião de discussão política, articulação, e também os congressos, e eu participei de alguns... na época eu não viajava, porque a minha mãe não deixava...[risos]... eu tinha o quê? 16 anos... não podia viajar... 16 pra 17... quando eu fiz o vestibular eu tinha 17 e eu dei um trabalhinho, porque na cidade eu atuava, às vezes à noite... então isso pra mim foi uma questão com a minha mãe, porque ela não gostava muito que eu fizesse isso. E me lembro de uma coisa muito marcante, que foi um movimento que teve em Goiânia, que foi quando a gente conseguiu o passe livre para os estudantes... os 50%. Então, isso foi no meu último ano do ensino médio, foi em 90, aqui é 89, 90, 91... No ano de 91, que a gente fez uma greve... nessa época eu era do Grêmio, mas ao mesmo tempo eu era da UMES, então a gente juntou uma galera e paramos as escolas... ali, todas do centro, e fizemos uma grande passeata ali na Avenida Goiás, que aí, inclusive, a sede do CETRANSP, é CETRANSP? É isso, né? Porque às vezes eu confundo os nomes de lá com os



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

nomes daqui [SC]. Então, o CETRANSP tinha a sede dele ali, que era bem na Avenida Goiás, acho que era na Goiás, uma coisa assim... a gente foi fazer uma espécie de um piquete ali na porta, e a gente fez vários movimentos, ia pra porta do centro administrativo, e descia aquela Goiás, subia aquela Goiás, e esse dia foi um pouco tenso, porque veio a polícia... a polícia veio pra cima, e a gente, muito novo, mas com muita coragem, juízo nenhum... mas coragem não faltava. E eu lembro que foi uma pressão legal, porque aquela Goiás foi lotada de gente... a gente levou todas as escolas ali do centro, as públicas, o Instituto Federal, nós... tinham outras escolas, a gente parou o centro da cidade. E uma das consequências desse movimento foi que a gente conseguiu na época a meia... os 50%, pros estudantes. Então eu me lembro disso, que foi uma coisa histórica, porque era isso, o ônibus na época... o que motivou isso aqui, aumentou muito e pra gente era complicado pagar o transporte pra poder ir pra escola, especialmente quem tinha que se deslocar como nós, principalmente nós que estudávamos no centro... ninguém, ou a minoria, morava no centro da cidade, então isso foi uma coisa legal, que me marcou... e uma outra coisa muito legal... eu tô contando isso, também, porque eu acho que são experiências que me constituíram depois, na pesquisadora que eu sou, na professora que eu sou... eu fico pensando ...que acho que se eu não tivesse vivenciado tudo isso, talvez eu fosse outra pessoa... eu tivesse feito outras escolhas na vida... então um pouco de cada uma dessas experiências que eu estou contando, de alguma



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

maneira, tem a ver com os caminhos que eu trilhei depois. E aí, uma outra experiência, jovem... tem tempo [risos]... eu fazia tudo isso, eu estudava, eu tentei trabalhar uma época, mas não deu muito certo, não consegui... então eu viviameus pais me sustentavam... tem que dizer isso... mas era tudo muito precário... não tinha dinheiro, era aquele dinheiro para ir para a escola, e lanchava na escola... e eu me lembro que o contato com o pessoal da *Reviravolta* era legal por isso, porque ia para lá, e lá a gente comia lá na sede do PT... às vezes tinha vaquinha que os vereadores faziam, a gente tinha um dinheiro com lanche... era isso... era assim que a gente vivia. Mas no final do meu ensino médio, me aproximei de outro grupo, que aí eu tive uma convivência concomitante, que foi fundamental para mim também. E foi um grupo de teatro, que eu não sei se ele existe hoje ainda, eu nem sei como é que é o nome, mas um grupo de teatro lá da PUC, que hoje é a PUC, na época era a Católica, a Universidade Católica. Então a Católica tinha projetos de extensão, e eu me lembro que chegou um profissional lá, que eu acho que até hoje ainda trabalha, ou já se aposentou, não sei, que ele era bem conhecido na cena cultural de Goiânia, que é o Samuel Baldani. E esse Samuel, ele foi um cara super importante na minha vida, porque ele era diretor de teatro, eu me lembro que ele tinha acabado de vir, acho que de São Paulo, feito uma formação, e ele criou esse grupo de teatro, que era um grupo criado com pessoas da comunidade. Aí eu fui para esse grupo porque eu gostava de teatro... eu queria muito ser atriz,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

aquela coisa, e esse grupo me formou muito porque a gente ia lá, a gente ensaiava, a gente estudava, a gente lia textos, a gente fazia uma época... depois, quando o grupo se institucionalizou dentro da Católica, a gente fazia eventos... quando a Católica tinha eventos, a gente fazia abertura, a gente fazia esquetes ali, dentro daqueles... daqueles centros ali, o básico da Católica, por exemplo... a gente fazia muito esquete ali, que era para promover o grupo, e promover o próprio trabalho da universidade, então a gente preparava os esquetes, a gente chegava como estudante, ficava ali no meio deles, daqui a pouco vinha a cena, alguém gritava, fazia um escândalo, aí o pessoal ficava louco, o que é isso? E aí a gente começava, a gente fazia... Eram esquetes curtos, de até 10 minutos, e tinha sempre uma mensagem. Ou era uma mensagem que tinha a ver com alguma coisa da universidade, ou sei lá, não à violência... Enfim, então a gente fazia isso e a gente também fazia peças. Eu me lembro de ter feito uma peça com eles e aí, por causa disso, eu criei um grupo de teatro na minha escola, lá no centro, no Rui Barbosa. Foi o ano... Era vestibular, e aí eu montei com eles uma peça que é a *Como se fazia um deputado*, que é uma peça altamente política. Eu fico pensando, hoje em dia, que louca, né? Que coragem! [risos] Eu juntei meus colegas, eu escolhi quem eu queria, você, você, quem mais quer, juntamos uma galera e aí, na época, como eu tinha contato com o pessoal lá da Católica, eu consegui o teatro do básico da Católica de graça e a gente levou as famílias, então foi lindo, porque



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

daí a gente fez toda a montagem na escola, a escola apoiou, porque era uma obra do vestibular... a gente ensaiou, ensaiou, ensaiou, fizemos ensaios lá e fizemos a noite da estreia... até saiu no jornal da Católica, e a gente fez e foi muito legal. Só que teve uma história que a personagem principal que ia ser feita por uma colega, a colega não conseguiu fazer, ela ficou muito nervosa, então quem fez fui eu, que é o personagem principal, que faz o vínculo ali entre as pessoas... mas como eu era diretora, e eu tinha ensaiado aquilo com eles tudo, eu consegui fazer... de vez em quando me falhava algumas coisinhas, mas eu consegui fazer... então eu fico pensando que, depois, eu fiz vestibular em final de 91... foi meu primeiro vestibular... fui fazer história... penso que, não sei bem por que... acho que uma vez, conversando com uma vizinha, uma pessoa que eu conhecia, que morava perto da minha casa, ela falou que ia fazer química... eu falei: "Ah, acho que eu vou fazer história, eu gosto de história"... gostava da minha professora, então me lembro que essa professora do terceiro ano, a professora Darcy... ela era muito política... e ela sempre falava de mim, que eu era do grêmio, que era muito importante, então a gente vivia uma época ... outra época, que, enfim... a esquerda não tinha assumido o poder, então o Brasil tinha muitos problemas e ela falava muito desses problemas sociais conosco e tudo mais, e eu gostava disso, aquilo me tocava... tanto que eu fui, pro movimento estudantil por conta disso, de achar que tinha que atuar contra as desigualdades e tudo mais... então isso tudo sempre me marcou muito. Então, fui fazer



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

história... foi o meu primeiro vestibular... passei... eu nem me lembro se fiquei bem ou mal colocada, mas enfim... fui aprovada... então comecei o curso de história na UFG em 92... eu era uma jovem, acho que tinha completado 17 anos em 91, então eu entrei com 17 e fiz 18 no primeiro ano. E foi muito marcante pra mim esse ingresso... mas, ao mesmo tempo, eu me afastei de tudo que eu fazia antes... a entrada na UFG, pra mim, foi um marco, porque eu achei que aquilo era tão grandioso e aquilo ia me consumir tanto, que também, aos poucos, acho que eu fui refazendo as minhas redes, os amigos... fui refazendo também as prioridades, então eu fui me afastando... eu ainda fiquei um tempo com o pessoal do teatro, mas depois me afastei... o pessoal do movimento estudantil, eu até cheguei a participar de umas reuniões ali do centro acadêmico, acho que cheguei a fazer parte de uma chapa, ou de alguma gestão, já não me lembro mais, mas não avancei mais com o movimento estudantil... eu interrompi ali, e eu comecei uma outra trajetória... na época que eu fiz UFG... 92... era aquele currículo ainda que você entrava com as pessoas e você fazia o curso inteiro, então era ano, não era semestre, e foram cinco anos de curso, com uma turma que até hoje a gente tem um grupo de *WhatsApp*... que a gente criou, acho que deve ter uns cinco anos que a gente criou esse grupo de *WhatsApp*, eu até não estou tão ativa mais esse grupo, mas estava... toda vez que eu vou a Goiânia, a gente se encontra, então foi um pessoal e foi uma época que vários professores importantes da UFG estavam chegando ou tinham acabado de se



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

formar... por exemplo, quando eu estava lá, primeiro que eu tive professores muito importantes, eu acho... a professora Ledonias Garcia foi minha professora de história da América no primeiro ano... uma professora que, meu Deus... me inspirei muito nela, no jeito dela, no entusiasmo, no gestual, na elegância da Ledonias... ela tinha uma elegância, aquela coisa com os óculos que, para mim, foi marcante. Uma outra professora que foi muito marcante foi a professora Irmhild Wust, que é uma arqueóloga alemã, que foi para lá, para Goiás. Ela foi uma pessoa super importante no campo da arqueologia em Goiás. Inclusive, uma parte da minha turma se formou com ela, depois foram trabalhar com arqueologia. Ela foi uma pessoa marcante também na minha turma. Eu tive também o professor José Antônio Camargo, se eu não estou enganada, que também é um grande medievalista, um professor muito importante na UFG... também formou várias gerações atuais dos medievalistas em Goiás... foram formados pelo José Antônio, que foi meu professor... depois ele acabou até se afastando e a gente teve aula com um orientando dele, que era o Ricardo, mas teve esse professor, e também alguns professores que, à época, eram jovens professores, que estavam, acho que, recém-ingressando, ou voltando da formação, acho que recém-ingressando... um deles foi o professor Noé Freire Sandes, que depois nos deixou... foi muito triste perder o Noé tão cedo, porque ele era ainda jovem... o Noé também foi um professor marcante, porque ele... acho que estava começando ali, e minha turma foi uma das primeiras, e



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

alguns professores também que recém estavam ingressando... o professor Leandro Mendes Rocha, um indigenista... me lembro que foi um professor muito marcante, porque ele fez doutorado na França, então a gente tinha todo aquele imaginário, toda aquela presença... ele foi muito marcante... o professor Sérgio Duarte, que também tinha vindo... ele era de Brasília, fez o concurso... a minha turma, acho que foi uma das... a primeira, ou uma das primeiras turma dele... eu acho que foi a primeira... o professor Nasr Chaul, que também fez o concurso lá... enfim, acho que na época eu fui ter contato com o Nasr um pouco mais adiante no curso, porque eu acho que ele tinha se afastado para o doutorado... foi bem marcante... foi o momento que ele voltou do doutorado na USP... teve todo aquele trabalho dele com o livro *Caminhos de Goiás*, que foi fruto da tese dele... a minha turma foi a primeira turma dele depois que ele voltou do doutorado na USP. E outras pessoas... o professor Barsanulfo, que era um professor de Contemporânea, um professor muito reservado, mas um professor super importante... me lembro dele... a professora Dulce Amarante, medievalista, que também foi minha professora... com a Dulce eu não tive disciplina... na graduação... acho que quando ela entrou lá ela foi professora de Estágio, então a Dulce foi minha professora de Estágio, não de Medieval, porque na época eu fiz Medieval no primeiro ano... naquela grade curricular a gente cursava Antiga e Medieval juntas... não eram disciplinas separadas ... então eu não tive aula com a Dulce como medievalista, mas ela foi minha professora de



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Estágio, junto com a Valdinice, que era a esposa do José Antônio e, enfim, foram muitos professores importantes... depois de uns anos eu voltei... só para dar um exemplo, eu voltei, trabalhei como substituta lá, por dois anos... depois pude ser colega de alguns deles... foi bem interessante essa experiência de ser colega de um professor... foi um pouco difícil, até, para mim.

E 1: Vamos para o quinto bloco de perguntas: após a professora ter rememorado a infância e a juventude, formação inicial, já falou da sua formação inicial na UFG, nós entramos na dimensão do trabalho; você já mencionou sobre a escolha do curso [inaudível]. Se você quiser falar mais sobre a escolha, podemos já considerar responder essa parte. Nós poderíamos partir direto para o tema que a gente quer chegar aqui com a conversa, que é o ensino de história. Se você puder nos contar um pouquinho, nessa trajetória, como você decidiu ou encontrou o tema específico do ensino de história nessa formação? Que momento foi? Quais foram as principais referências mobilizadas no início e ao longo dessa trajetória do campo de ensino? E já falar sobre algumas atividades, ações no início dessa sua trajetória. Então, seria esse primeiro conjunto de perguntas.

R: Já falando da dimensão do trabalho, especificamente do ensino de história. Bom, eu acho que vou seguir falando um pouco mais sobre a formação, porque



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

acho que tem algumas coisas importantes para destacar... a singularidade da minha trajetória, que durante o curso, acho que uma boa parte dele, eu precisei começar a trabalhar... eu tive algumas experiências, por uma época, eu acho que por uns dois anos, mais ou menos... eu comecei a trabalhar num banco... eu fui fazer um estágio num banco, porque precisava de dinheiro, então eu trabalhei um tempo nesse banco... eu acho que foi mais de um ano, acho que chegou a ter quase dois anos... isso foi bem importante, porque eu me lembro que era marcante que eu tinha que sair sempre mais cedo das aulas, para poder conseguir chegar no horário, então isso foi um período um pouco difícil... eu tive um período também um pouco de crise com a história... eu cheguei a pensar em mudar para Ciências Sociais, e aí na época foi uma coisa super interessante, porque o professor... o Pedro Wilson, que não sei se vocês conhecem, acho que a Patrícia conhece, porque ela é de Goiânia... o Pedro Wilson, que foi prefeito de Goiânia, ele era do PT... eu conheci ele lá do PT e eu me lembro que eu fui conversar com o Pedro Wilson, para ele me direcionar, porque a formação dele é em Ciências Sociais... ele falou: "de jeito nenhum, vai continuar seu curso de História!"... falou que eu tinha muito mais campo de trabalho, e que Ciências Sociais era bom, mas que História era melhor, porque acho que não tinha ainda a disciplina de Sociologia na escola. Então, ele me deu bronca... eu voltei bem murchinha... E continuei estudando História. Aí, nesse período, quando eu trabalhei em banco, eu trabalhei uma época... eu acho que até que



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

foi antes do banco... eu trabalhava numa revista, que a gente vendia assinatura de revista, e eu me lembro que lá, quando eu fui trabalhar nesse lugar, eu conheci uma moça que ela vendia bombom... ela fazia bombons e vendia para a gente lá, no escritório, e eu aprendi... uma época, inclusive, eu fazia bombons lá na faculdade para vender, que eu acho que foi um período que eu fiquei sem trabalhar fora... eu trabalhava com os bombons e eu vendia sempre no intervalo... foram essas estratégias de sobrevivência ao longo do curso que eu fui levando, mas no final, acho que mais no final, eu tive a oportunidade de ter uma bolsa PIBIC... que eu acho que é aí que começa a guinada... eu tive essa bolsa e foi bem no final... acho que já estava ali pelo quarto ano do curso, uma coisa assim... foi bem marcante mesmo, porque foi com o professor Nasr... ele chegou... até hoje em dia eu falo isso com os meus alunos... eu falo “gente, eu fiz faculdade pública, fiz uma federal nos anos 90”... abriu uma vaga de PIBIC, e nós éramos 30 pessoas concorrendo para uma vaga... hoje em dia eu falo isso para eles terem a dimensão da diferença... eu me lembro que teve essa vaga... eu, muito insegura, porque... na verdade, eram duas vagas. Não era uma só, eram duas vagas... eu, muito insegura... “será que eu posso?” Aí fiz um projeto... ele tinha um projeto que era para pensar uma coisa de vídeos, de história de Goiás e tudo mais... e eu fiz um projeto que eu queria estudar uma festa, uma festa popular... eu acho até que foi a festa que eu estudei depois, que é a festa do Divino de Pirenópolis... eu tenho quase certeza que foi.



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Eu achava que eu não tinha chance nenhuma, mas o meu projeto foi aceito... inclusive, foi o meu projeto e o da Cristina Helou, e aí a gente trabalhou juntas... nós éramos colegas de turma e fomos também colegas de bolsa... as duas eram orientandas do Nasr... e o Nasr, aquele cara altamente conectado... a gente viajou com ele para fazer pesquisa em Minas, em jornais, e fazia pesquisa em Goiânia... para mim foi muito marcante essa experiência... com essa bolsa eu também parei de trabalhar... eu tinha essa bolsa que era para suprir as minhas despesas, porque eu morava com os meus pais, então as minhas despesas básicas eu conseguia suprir... a partir dessa bolsa surgiu o meu projeto de TCC, que foi para fazer uma pesquisa sobre as Cavalcadas de Pirenópolis, que eu adorei... eu tinha lido na época livros do Carlos Rodrigues Brandão, que fez uma pesquisa super importante sobre a cultura popular goiana nos anos 70... eu me encantei e comecei a ir pra Pirenópolis... eu fui um ano específico, documentei a festa inteira, conversei, fiz amizade, fiz entrevista e fiz um TCC, que na época até foi um TCC elogiado, porque era muito inovador... ninguém pesquisava isso na História, sobretudo na UFG, que tinha toda essa tradição do mestrado de sociedades agrárias... mas aí foi super aceito também, porque naquele contexto a História Cultural estava com muita evidência... eu me lembro... o próprio Nasr trouxe muito para a gente... as aulas dele... ele falava muito de História Cultural... a gente também teve um professor lá, que foi bem importante... foi o Holien Bezerra, que era um professor da PUC... ele deu



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

aula para minha turma e trouxe toda uma perspectiva historiográfica para nós... a Olga Cabreira, também... eu vivi uma época especial... hoje eu fico olhando... essas pessoas todas chegando e a gente estava lá para ter aula com todos eles... depois que eu fui ter a dimensão de quem era o Holien, e a gente teve aula com ele... eu me lembro de acessar essa nova historiografia, nos anos 90, que estava em ebulição... tudo isso, de alguma maneira, me incentivou a olhar para um objeto que ninguém olhava, que eram as festas, e claro que aí... porque que eu quero destacar também, que essas festas tinham a ver com a minha história de vida... eu cresci, a minha infância foi vivendo isso... para mim, isso de olhar para um pouso de folia, olhar para uma benzeção, para uma novena, aquilo para mim era muito familiar, mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia interpretar fora da minha experiência. Então estar ali estudando aquilo, para mim, era de um valor enorme, porque eu estava podendo conectar a minha experiência com a minha formação... eu me lembro de cada descoberta, cada leitura que eu fazia... “Nossa! É isso nossa é por isso que tal coisa acontece dessa maneira!”

E 1: Posso intervir, para não perder a ideia? Quando você fala da História Cultural... uma curiosidade: esses autores que os professores da UFG estavam lendo com vocês, eram clássicos franceses ou já havia, por exemplo, autoras como Sandra Pesavento? Você consegue recordar?



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

R: É, eram mais os clássicos franceses... depois eu me lembro de ter lido mais coisas da Sandra Pesavento, no mestrado, porque eu terminei a graduação em 96... eu fiquei fora em 97 e em 98 eu voltei para o mestrado. E eu me lembro de já ler mais coisas, de outros autores, mas eram mais os clássicos franceses... mas, por exemplo, uma coisa que me marcou muito na graduação é que os professores falavam em Gilberto Freyre, que, inclusive, eu me lembro de ler textos, que se falava que a gente tinha que voltar a olhar para Gilberto Freyre, que ali tinha coisas importantes para a história do Brasil, que estava sendo negligenciada. Claro que depois eu fiz o caminho inverso, de olhar para o Gilberto Freyre e reconhecer, mas depois negar de novo... todo o mito da democracia racial... mas eu me lembro que era um momento de abertura de chaves epistemológicas. Então, eu usei muito, no meu TCC e depois na minha dissertação, muitos autores... o clássico dos Annales... a gente usava muito o Annales, mas também me lembro de usar Lynn Hunt... tudo aquilo de pensar uma história que dialogava com antropologia, que dialogava com com o campo da biografia, o campo da linguística. Tudo isso me marcou... significava que não era um problema eu olhar para um objeto que até aquele momento se achava que era da Antropologia, porque parece que nós estávamos condenados a pesquisar só o que estava lá no passado. Então, uma festa que ainda acontecia, parecia não ser legítima... E com esses referenciais, eu entendi que sim, que



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

ela era legítima e que eu podia estudar como historiadora. A questão é como enxergar a historicidade nessa festa... então eu fui estudar essa festa... fiz esse TCC, fui muito feliz, adorei, só que aí no final do curso, antes mesmo de acabar o curso, eu fiz o concurso público para a rede municipal de Goiânia. Foi meu primeiro concurso público... eu tinha já antes tido uma experiência... eu substituí uma colega, que era da rede estadual, já tinha trabalhado no lugar dela como professora de História, por um tempo, mas a minha experiência formal mesmo começou ali em 97... eu tomei posse no meu concurso em Goiânia, trabalhei em várias escolas... eu trabalhava em três escolas no início, para completar a carga das 40 horas... eu tinha horas lá na Redenção, um pouco de horas ali no Santa Genoveva, numa escola que era ao lado da Vila Militar, e completava as horas com uma escola no Guanabara III... então eram duas ali na região mais próxima de casa e uma na Redenção. Depois eu consegui concentrar o meu contrato ali no Santa Genoveva e no Guanabara... depois eu fiquei só no Guanabara. Eu vivi uma época muito interessante na rede municipal, que era isso... a gente começou todo aquele período dos PCNs e a rede municipal estava sendo muito influenciada pelo Rio Grande do Sul, pelos movimentos que estavam acontecendo, de pensar aquela coisa da formação, de pensar os ciclos educacionais... Então, inclusive, na época isso gerou muita discussão, porque dentro do ciclo o aluno não podia reprovar... então tinha muita disputa em relação a isso, mas tinha todo um movimento de deixar os professores nas



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

mesmas escolas, até porque a carga horária aumentou. Então a gente passou a ter três aulas de História, em todos os anos, enfim... então igualou a carga horária para todas as disciplinas, que é uma coisa que hoje a gente está vivendo um movimento contrário. Aqui em Florianópolis, mesmo, está acontecendo isso, na rede municipal, de diminuir aulas de História para poder aumentar aulas de Português e Matemática. Então, naquele momento, essa foi a novidade, porque se olhava que todas as disciplinas tinham uma contribuição. Então, Arte tinha três aulas, Educação Física tinha três aulas, Língua Estrangeira tinha três aulas, História tinha três aulas, a Geografia... então eu me lembro que eu acabei indo pra essa escola do Guanabara III, e fiquei lá, consegui fechar minha carga horária toda lá... eu tive uma imersão nessa escola que foi maravilhoso pra mim... eu frequentava muitas reuniões da rede municipal de formação de professores... meu contato com o ensino de História, por assim dizer, foi muito neste momento, no meu ingresso na rede municipal, porque quando eu fiz a graduação em História na UFG, o ensino de História não era campo de pesquisa... o currículo não trabalhava com o ensino de História como campo de pesquisa... eu tive estágio, eu fiz estágio no Colégio de Aplicação da UFG, onde depois eu fui trabalhar... eu trabalhei lá por quatro anos, mas o que que era o estágio para nós? O estágio era você construir um plano sobre um determinado conteúdo e ir lá e dar bem essas aulas, então eu não me lembro... até porque como o currículo era todo desconectado, eu tinha tido disciplinas pedagógicas



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

mais no início do curso, então eu me lembro de ter tido Didática, de ter tido Psicologia Educacional, de ter tido aquela EstruFunc.... Estrutura e Funcionamento de Ensino, que era com a Faculdade de Educação, mas tudo isso tinha ficado lá atrás.. o estágio era muito desconectado... então a gente, por exemplo... eu me lembro que as leituras que a gente fazia, era muito tipo aquele... o Jaime Pinsky, que começou a publicar na época... a gente leu alguma coisa.. eu me lembro daquela [obra] *Ensino de História e a Criação do Fato*... eu me lembro que a gente leu isso, mas não foi marcante pra mim outras leituras... eu acho até que a gente chegou a ler Circe Bittencourt, aquele livrinho do ensino dela, *O Ensino De História, O Saber Histórico*, como é que é? *O Ensino De História, O Saber Escolar*... uma coisa assim, eu acho que a gente chegou a ler, mas as discussões teóricas, elas não existiam, então era mesmo uma prática de ensino... eu me lembro que a gente tinha umas oficinas, que a gente fazia na sala, mas era muito aquela visão aplicacionista... eu fiz o meu estágio no Aplicação... me lembro que eu escolhi o terceiro ano, porque eu achava... era bem isso, aquela visão de pesquisador, que eu queria os alunos mais velhos, com que eu pudesse conversar de igual... os alunos não deram a menor bola para mim... eu dei umas aulas lá, eles nem olhavam na minha cara, foi horrível... no terceiro ano, e, enfim, então eu fiz esse estágio, foi bem ruim... a prática... por isso, porque eu não me conectei com os estudantes, nada disso, e era aquela coisa, os professores iam lá para avaliar a gente, então era bem



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

essa a rotina. E aí o meu contato com o ensino mesmo começou nessa experiência prática, nessa rede municipal, que eu acho que foi muito formativa para mim, porque a gente lia textos, tinha muito essa coisa de fazer reuniões compartilhadas, tinha dia de planejamento, então a gente ganhou esse direito, de ter um dia só para planejar, só para fazer reunião, só para pensar projetos com os colegas, e eu fui me formando assim... acho que como muitos professores dessa época, me formando muito nessa prática, nesse contexto... claro que teve colegas, tinha textos, tinham experiências, mas era muito isso, uma coisa muito mais empírica do que teórica. Lembro, por exemplo, de fazer muito intuitivamente aquelas coisas de levar os alunos para museu, então era muito assim... eu adorava fazer isso, mas não sabia bem por que eu fazia. Eu fazia porque eu achava que era legal... Eu gostava de ir ao museu, então, acho que eles também deveriam ir. Era isso que a gente pensava. Não era só eu, todo mundo pensava assim. Então, ia para o museu, levava os alunos... eu fiz muito isso. Me lembro uma vez de um aluno... a gente tinha um livro didático do Mário Schmidt. Eu me lembro do menino questionar o livro didático e a gente ficar possesso com ele: "Como assim? Você está questionando o livro didático?" Mas ele que estava certo, olha só... Mas isso foram experiências mais empíricas, por assim dizer, com muito pouco... muito poucas reflexões teóricas... Concomitante a esse meu trabalho na rede municipal, eu comecei a trabalhar no ensino superior, porque era meu sonho... eu queria ir para a



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

universidade, porque tinha feito mestrado... fazia mestrado... acho que eu fazia mestrado na época, porque eu comecei a trabalhar em 97... 98 eu comecei o mestrado. Então, eu fiz o mestrado concomitante à escola... esse contrato com a rede municipal... e também durante o mestrado, e um pouco também depois dele, eu comecei a trabalhar... eu trabalhei na PUC, uma época, que era Católica... então eu comecei dar aula de Brasil Império, dei aula lá, fiz também o concurso para substituta na Federal... agora acho que isso foi depois do mestrado, não foi antes... isso foi depois de 2000, mais ou menos, que eu terminei o mestrado em 2000, eu fiz de 98 a 2000. E aí, depois que eu terminei o mestrado, então eu fui substituta na Federal, trabalhei dois anos de contrato no que hoje é a PUC, e eu comecei a trabalhar na UEG. Na época tinha poucos concursados, mas muitos desses professores de contrato precário... e eu trabalhei muito naquela licenciatura parcelada que a UEG tem, acho que não tem mais, teve... foi um projeto, e nessa licenciatura parcelada a gente dava aula para professores que atuavam com História nas redes estaduais, mas não tinham curso superior; essa experiência com a licenciatura parcelada foi muito formativa para mim, porque ainda que eu nunca tenha trabalhado com disciplinas de ensino de História, nessa licenciatura parcelada eu trabalhava com professores de História, e eles levavam muito livro didático, eles estudavam no livro didático. Acho que foi o momento que eu tive que me voltar pra pensar o que é esse material que eles tanto leem, e discutir, problematizar... eu acho



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que na época a minha visão ainda era aquela visão de que o livro didático era algo ainda um pouco de deturpação do conhecimento. Talvez, em algum momento, eu tenha dito isso. A ideia era sempre trazer outros autores, para que eles pudessem ampliar as aulas. Na época, a gente tinha muito aquela ideia do professor poder construir o seu próprio material didático, porque o professor poderia fugir das amarras do livro, aquela coisa toda que a gente acreditava que era a saída do problema. Mas aí, no meio disso, eu comecei a trabalhar como professora de... do que hoje é o estágio... na época era Didática e Prática de Ensino, na UEG de Goiás.. eu trabalhei vários anos, acho que uns três anos, com essa disciplina específica de estágio, que hoje é o estágio, e aí a ficha teve que virar, porque lá eu era professora de uma disciplina que operava com o ensino de História. Eu me lembro com mais clareza que eu fui ler os textos, os vários textos... Circe Bittencourt... me lembro de uma coletânea que foi bem importante que a Marta Abreu organizou junto com a Raquel Soihet... *Ensino De História Práticas Conceitos Metodologias* ... eu fui ler muitos livros que estavam saindo na época, não só da Circe, mas também também da Ernesta Zamboni, me lembro que teve uma autora de São Paulo, os textos da Kátia Abud, também... foi a época que eu mais estudei, porque a gente tinha que ter textos que pensassem [o ensino]. Eu tinha uma amiga, que a gente dividia a disciplina, a Patrícia, que hoje é professora da Federal de Uberlândia... Com a Patrícia, a gente trocava muita bibliografia para conseguir pensar um plano que



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

fosse interessante para esse estágio. Então, acho que aí, se a experiência na rede municipal foi mais empírica, nesse contexto, acho que ela começa a ser um pouco mais teórica, porque ali eu tinha essa necessidade de pensar o ensino de História para formar aqueles alunos. Era muito divertido, porque a gente dava as aulas, e quando eles iam dar as aulas... eles davam as aulas onde eles moravam. Então, a gente viajava para o interior de Goiás. Eu ia para Ipameri, Araguapaz, ia para tudo que era lugar de Goiás para assistir às aulas. Eles faziam estágio lá... a gente ia ver um dia específico para avaliar. Foi uma época bem interessante, de poder também ter contato com escolas, com os professores. Eu penso que tudo isso humaniza muito a gente, porque, bom, primeiro eu era professora da educação básica, eu nunca deixei de ser professora da educação básica, desde que eu ingressei... eu só me afastei da Prefeitura de Goiânia quando eu fui trabalhar no CEPAE, então eu fui professora da rede municipal de 97 até 2010... foi quando eu saí... então eu continuava trabalhando... teve uma época que eu cheguei a pegar uma licença por causa do doutorado, mas eu era professora... mas isso de ir para escolas no interior de Goiás encontrar aquela experiência também de conhecer tantos professores... gente, às vezes eu dei aula, olha, em Trindade, Goianésia... isso na licenciatura parcelada... já voltei um pouco... outra coisa... eu dei aula em Trindade, Goianésia, Itumbiara... eu acho que também fui para Itapuranga... como é que é, gente? Foram muitas cidades, muitas... acho que foi mais de seis



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

idades no interior que eu ia para a licenciatura parcelada dar aula. A parcelada, a gente dava aula final de semana, então geralmente era sexta à noite ou sábado o dia inteiro... algumas domingo e férias. Nas férias a gente dava um concentrado da disciplina. Então eu conheci muito professor de história na sala de aula... hoje, por exemplo, como professora do ProfHistória, eu me lembro muito dessa licenciatura parcelada, porque eram eles contando as histórias deles, os dilemas que eles viviam, as dificuldades, como é que era na escola, então esse era o assunto... era tudo muito... eles eram muito divertidos, porque eles traziam muitas experiências que na época eu, na minha dificuldade, por assim dizer, eu não conseguia aproveitar tanto isso... mas eu me lembro que isso foi muito marcante... e eu acredito que isso foi muito importante para eu reconhecer que o campo do ensino de história era um campo muito importante... ele cumpria uma função fundamental, e eu trabalhei muitos anos nessa disciplina lá na cidade de Goiás... eu quis muito trabalhar lá, me efetivar lá... não consegui.

E1: Essas idas, essas cidades para trabalhar na Licenciatura Parcelada, por curiosidade, você ficava na cidade?

R: Ficava, ficava. Por exemplo, Trindade, que é muito próxima de Goiânia, eu só ficava quando tinha o concentrado, quando dava aula, por exemplo, em julho,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que era quando a gente concentrava as aulas. Mas, em geral, eu ia e voltava de carro, dirigindo. E aí, no concentrado, às vezes a gente reunia os professores todos que davam as aulas, alugavam a casa, ficávamos lá e dava aula para esse pessoal. Era assim, gente. Teve isso, viu, em Goiás. Muita gente passou por isso, viu? Muita gente. Então, eu dei muita aula assim... e, concomitante... eu fico pensando... teve uma época que eu dava aula na rede municipal de Goiânia... eu tinha contrato na PUC... eu tinha uma turma lá de Brasil Império e eu era substituta na Federal, e eu ainda, final de semana, trabalhava na Parcelada da UEG. Uma época foi isso, porque precisava de grana para poder suprir as demandas, enfim, os sonhos. Mas esse tempo que eu trabalhei lá na UEG de Goiás, foi um tempo em que eu já estava no doutorado... foi uma época que eu acho que tive licença da rede municipal... era uma correria um pouco menor, eu acho que nessa época foi concomitante à UEG de Goiás, que era um contrato fixo... a gente tinha uma turma, eu ia lá para a UEG de Goiás, trabalhava lá toda semana. E eu acho que eu tinha algumas turmas... porque dependia muito também de convite... essas licenciaturas tinham coordenadores, então eles convidavam os colegas e eu tive vários que foram meus colegas no mestrado, que foram coordenadores, então eles convidavam e eu fui muito a convite para dar aula nesses cursos. Então, sempre que tinha um convite e que era viável, eu continuava dando essas Parceladas. Isso aconteceu por muitos anos, em paralelo com outras coisas. Mas aí, para eu



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

também ir encurtando a história, porque senão eu vou ficar falando só disso, porque foi um período muito rico, muito rico, acho que muito fundamental... Surgiu o concurso para professor lá no CEPAE, que é o Colégio de Aplicação da UFG, e foi bem interessante que, por exemplo, nós, quando a gente estudou, quando eu fiz o curso de História, todo mundo falava de trabalhar no CEPAE, porque era uma escola federal, só que há muitos anos não tinha concurso público lá... isso foi anos 90, não tinha, não existia concurso lá nessa época. Isso foi o ano de 2009 para 2010, que surgiu essa vaga, era uma vaga... e aí eu e vários colegas fomos fazer... claro que eu já tinha feito outros concursos... fiz os da UEG, cheguei a fazer concurso na Federal do Mato Grosso... na época, não deu, mas enfim... fui fazer o concurso lá do CEPAE, e aí foi um concurso bem difícil, porque a gente ficou muito nervoso... eu falo assim, porque foram vários colegas que fizeram o mesmo concurso... me lembro de ter estudado com alguns colegas e tal, aquela coisa do sorteio do ponto, mas eu estava um pouco segura, porque eu já tinha essa bagagem de uma professora de educação básica, então eu não estava ali falando de outra coisa, eu era professora de educação básica, eu já aplicava coisas que eu fazia na minha sala de aula, tipo trabalhar com documentos, eu já fazia isso com os meus alunos... problematizar o livro didático, que era uma coisa que à época era, enfim, uma coisa que a gente fazia muito... muita dureza, inclusive... e tinha toda essa experiência da UEG, de trabalhar com estágio, de transitar pelos autores. Então,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

eu fiz um concurso muito bom... me lembro de fazer uma prova... a gente teve a prova escrita, fiz a prova escrita e a prova oral, que foi definitiva, porque acho que foi uma aula muito boa, que elas deram uma nota muito boa para a minha aula, e aí fui aprovada no CEPAE. Na época foi um sonho... não imaginava eu, aquela professora, ali naquelas lutas todas, e trabalhar numa escola federal... mas aí assim foi, aí eu me afastei de tudo que eu tava fazendo na época, porque eu assumi um contrato de dedicação exclusiva. O meu ingresso no CEPAE já foi uma outra etapa, porque aí foi o momento em que eu realmente comecei a fazer pesquisas em ensino de História... então acho que tem esse marco, o meu ingresso coincide com o final do recorte de vocês... 2010¹... foi o ano que eu comecei a fazer pesquisa e, ao mesmo tempo, foi um ano, foi um momento muito importante, porque lá na escola eu tinha uma colega... ela vive hoje aqui em Florianópolis... a professora Andréa Delgado, que ela foi um marco nessa nova etapa da minha trajetória, porque a professora Andréa, ainda que ela tenha feito, assim como eu ... acabei não falando muito do meu doutorado, mas eu fiz o meu doutorado também em História... fiz na UNB, e continuei trabalhando com a questão das festas, mas numa outra perspectiva... eu trabalhei com os folcloristas, fiz uma tese sobre os folcloristas, mas aí não foi um trabalho como no mestrado. O trabalho do mestrado foi festivo, eu fui para campo, eu pesquisei mil fontes, fiz muito trabalho de campo. O trabalho do

¹ Em seguida, a professora retifica essa data. Vide sequência da entrevista.



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

doutorado foi um trabalho mais de gabinete, porque também acho que foi isso, o doutorado coincidiu, concorreu com esses outros interesses que eu fui tendo... que era dar aula, que era também ter uma vida financeira mais estável... então eu tive muitas experiências concomitantes ao doutorado, e uma delas foi o CEPAE. Então, eu comecei a dar aula lá... sempre dei aula, enfim, para a educação básica... então trabalhei quase todo o período que eu fiquei lá com nonos e terceiros anos, porque tinha a coisa da coincidência do conteúdo... então eu trabalhei lá e também participei do momento de construção do novo ensino médio do CEPAE, que anos depois a gente viveu esse processo nas redes públicas brasileiras... lá esse processo começou nesse ano, acho que foi 2011, mais ou menos, ou 12, já não me lembro mais... foi quando a gente fez essa reforma lá, e a gente montou as disciplinas temáticas, então eu lembro que por vários anos... eu estive lá quatro anos, e uma boa parte desse período eu dava uma disciplina temática pro primeiro ano do ensino médio, que era História de Goiás... então eu tive essa experiência de pensar uma disciplina de História de Goiás pro ensino médio, e a gente fazia um trabalho lindo, todo ano ia pra cidade de Goiás, fazia trabalho com os museus, trabalhava com fontes... aquele livro que o Palacin organizou, *História de Goiás em Fontes e Documentos*, uma coisa assim, que é um material super importante. Eu fazia todo aquele trabalho de mediação dos documentos, e também foi quando eu comecei a orientar o estágio. Então, isso de estar numa escola federal, que pensava pesquisa e



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

ensino de História, trabalhava com orientação de estágio... Era muito rico... eu, que fui uma professora de estágio, que estava do outro lado, eu agora estava na outra ponta, recebendo estagiário, porque eu sempre fui a professora do estagiário, e lá eu era a professora da escola, eu recebi o estagiário, então era outra relação... eu pude viver essa outra ponta também... ter que ter todo um argumento com aquele estagiário de como pensar o plano de aula, de como fazer a relação com os estudantes as demandas deles... isso para mim foi muito marcante... foi muito definitivo... e aí a Andréia, na época, já tinha várias experiências com o campo do ensino e tudo mais, inclusive ela atuava em um campo que eu fui trabalhar anos depois, que era o PNLD... ela já era avaliadora do PNLD, conhecia muita gente, lia muita coisa. A Andréia levou... a gente criou um grupo de pesquisa lá, que era o NESP, Núcleo de Pesquisa de Ensino de História, e a Andréia levou para a gente os textos da Ana Maria Monteiro... a gente começou a discutir a questão do saber histórico escolar, que fez toda a diferença na forma de olhar o ensino como objeto, para além daquelas leituras que eu tinha, que eram leituras que estavam pensando o ensino numa outra chave, muito mais... talvez uma história do ensino de História, ou as metodologias do ensino de História, o ensino de História e o livro didático... ali eu entendo que eu passei a perceber uma virada epistemológica mesmo, que é olhar o ensino como um campo, o ensino como um problema, digamos, de pesquisa. O que a gente fazia lá... como é que esse grupo funcionava? A gente



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

preparava, cada um de nós pensava um tema, alguma questão que fosse... que envolvia o nosso trabalho de professoras... eu, por exemplo, fiz isso no primeiro ano que eu cheguei lá... a gente pensava uma unidade, então eu peguei uma que era, tipo, era Vargas... e a gente construía os materiais didáticos para essa unidade temática, mas a gente tinha que fundamentar as nossas escolhas, o que que a gente escolheu.... e uma coisa que era... foi muito marcante para mim, que eu comecei... a gente leu tanto os textos da Ana Maria Monteiro, como também os textos da Marlene Cainelli e da Maria Auxiliadora Schmidt... ela até teve uma experiência de escrever livro didático, o *Historiar*, não sei se vocês já viram, um livro bem interessante, de história temática, e ela escrevia textos... não sei se ela estava recém-ingressando na educação histórica, mas ela, junto com a Marlene, elas escreveram aquele *Ensinar História*, que também foi um marco... eu me lembro que era tipo assim, eram umas bibliazinhas que a gente tinha, que eu passei a considerar. Então, eram os textos da Circe Bittencourt, esse *Ensinar História*, da Marlene Cainelli e da Dolinha, a Selva [Guimarães], também. A Selva... eu já tinha leitura sobre a Selva por conta da minha experiência como professora de estágio. Então, eu já tinha lido bastante coisa sobre a Selva, mas, por exemplo, nesse grupo de pesquisa, eu fui conhecer aquele *História Oral de Vidas*, que são com memórias de professores, que eu não conhecia. Eu fui acessar essas outras bibliografias, mas a gente lia muito aquele *Didática e Prática de Ensino de História* da Selva, que é uma coletânea



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

de textos sobre o ensino de história, e os textos da Ana Maria Monteiro, que eram os mais diferentes. Então, a gente tinha discussões, o grupo de pesquisa funcionava discutindo esses textos, mas ele tinha esse caráter empírico que era cada membro da área... a gente tinha uma área de história... a gente, a cada tempo, montava... tinha que construir essa unidade e discutir, apresentar os materiais... eu me lembro quando eu fui montar a minha unidade, de sair recortando coisas, porque não era uma época que a gente usava o computador como usa hoje, então pesquisava um pouco na internet, mas muita coisa eu fazia xerox do livro, colava, e entreguei o material impresso para os meus colegas. Até tenho uma pena de não ter isso, hoje, porque eu me lembro que eu montei uma unidade inteira para pensar a Era Vargas, mas pensando em conceitos, em categorias... como é que eu iria mobilizar as fontes históricas, por que aquilo era importante, e sempre pensando assim... era atividade para os alunos. Era uma atividade que eu iria usar com as minhas turmas, na educação básica. Eu me lembro que o meu, eu acho que eu montei para o terceiro ano, salvo engano. Mas, na reunião, na discussão, eu tinha que fundamentar as minhas escolhas. E eu me lembro que ali eu fui apresentada, por exemplo, para a ideia de mediação didática, porque aí um outro texto que a Andréa apresentou para a gente, que eu gostei muito de ler, foram os textos do campo do currículo, porque ali eu comecei a entender que estando no campo do ensino de História, que era incontornável dialogar com o campo da Educação... eu acho que essa



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

foi a grande diferença, porque até então o lugar que eu ocupava no campo do ensino era muito esse lugar que os autores, enfim, os pioneiros, um pouco ali a Déa [Fenelon], a Elza [Nadai], a Ernesta [Zamboni], depois um pouco a Selva [Guimarães], a Circe [Bittencourt], a Kátia [Abud], a gente falava a partir delas. Então, ler os textos da Ana Maria Monteiro me levou a olhar para outros autores. Então, foi quando, por exemplo, eu fui estudar, eu fui entender que existia a categoria saberes docentes, que para mim aquilo não existia. Então eu não me lembro em nenhum momento, quando eu dei aula de estágio, de eu falar em saberes docentes com os meus estudantes. Por exemplo, lendo Ana Maria Monteiro, é incontornável você pensar currículo, você pensar a questão das aprendizagens, você pensar os saberes docentes. Então, a partir desse texto, da Ana Maria Monteiro, eu fui ler [Maurice] Tardif, eu fui ler Alice Casimiro Lopes... me lembro que a Andréa apresentou pra gente os textos dessa autora, que é uma pesquisadora do campo do currículo, e que fundamenta muito isso, do que é um conhecimento escolar... então a gente foi muito para as discussões da Alice Casimiro para pensar essas configurações de um saber escolar sem pensar que ele é... que ele poderia ser uma deturpação... não como uma deturpação, mas como um campo com algumas características próprias... então isso para mim foi incrível, porque além de poder fazer as conexões com as coisas que eu já lia, que eu já conhecia, poder ter essa chave... esse, eu acho que esse salto... esse salto epistemológico, que lá era muito importante, tanto



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

para o grupo de pesquisa que a gente tinha, como para o próprio trabalho que a gente desenvolvia. Tem um texto que... não sei se se vocês já leram, acho que vocês já devem ter visto... que eu escrevi junto com a Andréa e a Ségis, sobre o projeto de ensino de história do CEPAE... aquele texto é um texto muito importante, porque surgiu no grupo de pesquisa.... porque, na verdade, quando eu cheguei, já existia essa área, já existia esse grupo... me somei a ele no processo. Mas ali estava numa área que tinha uma proposta de ensino... eu acho que isso era muito novo para a época, e que depois, por exemplo, hoje, eu atuo no Colégio de Aplicação aqui da UFSC... Eu não vejo os colegas daqui com uma proposta de ensino tão estruturada como a gente tinha. Então, a gente tinha... e é uma coisa que eu uso ainda hoje no meu trabalho como professora de estágio. Então, pensar a problematização passado e presente... Hoje eu já penso isso um pouco mais além... eu penso passado, presente e futuro... mas na época a gente pensava muito nessa relação passado-presente... o diálogo com os conhecimentos prévios, os saberes sociais de referência dos alunos. Então veja que aí tem uma bibliografia francesa perpassando essas concepções... o uso das diferentes fontes e linguagens no ensino de História... nesse período, a gente foi acessando, me lembro aquele texto do Nilton Pereira e do Fernando Seffner, *O que pode o ensino de história?*, que eu nem lembro se foi bem nessa época, mas que veio de todo esse movimento, junto também com a Flávia Caimi, que foi outra autora que eu conheci nesse processo... aquilo



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

da Flávia Caimi falar... não se ensina... como é que é... “não se pode ensinar história para João sem saber de ensinar de história e João”... então também acessei isso nesse momento, lendo a Caimi ali no grupo de pesquisa... e pensando isso também com os estudantes de estágio, porque eles depois tinham que escrever os relatórios. Então, essa época, esse período aí de menos de quatro anos, por assim dizer... porque a Andréa acabou vindo aqui para Santa Catarina, ela veio trabalhar aqui, na UFSC... foi o período em que eu mais... acho que eu mais me inseri, teoricamente, dentro do campo do ensino de História. E eu acredito que isso foi fundamental, depois, para o trabalho que eu vim fazer aqui posteriormente... depois, na verdade... eu acho que eu tô fazendo confusão, gente.... só um pouquinho... eu fiz confusão... eu vim para cá em 2010... depois acho que é importante a gente gente corrigir aí, eu vim para cá em 2010, eu fui para lá em 2006... eu fiquei lá quatro anos. Então, vamos só corrigir isso aí: eu fiz o concurso... eu fiquei sabendo em 2005, ou foi o próprio 2006... foi em 2006 que eu tomei posse na UFG. Então, foi de 2006 a 2010. Nesse 2006 eu me afastei das outras atividades.

E1: [inaudível].

R: Então, tá correto... é isso. Isso... é isso mesmo... é que eu estava fazendo confusão. Então, 2010 é quando eu venho pra cá, pra Santa Catarina. Tô aqui



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

há 15 anos. Esse período que eu tô narrando pra vocês agora, que é o período em que eu considero que é o meu período de maior inserção teórica no campo do ensino, ele se dá nesse contexto, de 2006 a 2010... especialmente, acho que 2006, 2008, 2009, que é quando a Andréa ainda estava lá... depois ela veio para cá... a gente continuou com um grupo de pesquisa depois, até porque vieram outros colegas eu tentei de alguma maneira dar continuidade ao trabalho que ela fazia e tudo mais, só que depois eu também fiquei pouco tempo... depois que ela veio eu acabei vindo também para cá.... ela veio, eu acho que foi.... eu vim em 2010... acho que ela veio em 2008... 2008 ela veio, mas é que o texto acho que ele saiu depois... é que era a revista que a gente tinha lá no CEPAE, que hoje é a Polifonia, é a mesma revista.

E 2: A Vozes, tinha?

R: Sim, a Vozes já era uma revista antiga.

E 2: E o grupo de pesquisa, ele era dentro da carga horária de trabalho?

R: Sim, ele era dentro da carga horária de trabalho, porque lá no CEPAE, a gente, como professor DE [Dedicação Exclusiva], tinha carga de ensino, de estágio e administrativa... eram as comissões que a gente tinha que estar e tudo



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

mais, e tinha carga de pesquisa. Mas como a gente fazia muitas coisas, então a gente optou por ter um projeto coletivo. A gente cadastrava a pesquisa, mas no nome de todo mundo. Então, o tempo que a Andréia esteve lá, ela era coordenadora do grupo de pesquisa, do projeto, e depois que ela saiu, eu me tornei a coordenadora. Nesses últimos dois anos que estive lá, eu coordenei o grupo e o projeto de pesquisa.

E 1: A professora Ledonais fazia parte do grupo de pesquisa?

R: Não, não. Essa foi separada. A Ledonias?

E 1: É.

R: Não, a Ledonias eu só tive experiência com ela como professora. Foi lá no ano de... acho que foi em 92 que ela foi minha professora. Se ela trabalhou [no CEPAE], foi muito antes. Eu acho que tinha sido muito antes, viu? Porque quando eu ingressei na UFG, ela era professora da UFG, de História da América. A Ledonias, o que eu sei, o que eu posso dizer dela é que ela estava presente, porque ela escreveu aqueles livros dela... então a gente usava muito isso... por exemplo, a Andréia trabalhava muito com história da América Portuguesa... então ela usava muito os textos dela para montar material



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

didático. A gente produzia muito material didático na escola. A gente usava os livros, tinha livro didático do PNLD... com a Andréia eu também aprendi a ler os livros didáticos... a gente, inclusive, tinha reunião de discussão, de escolha de livro didático, eu me lembro que teve um ano... eu não sei se ela ainda estava lá ou se foi depois, que a gente fez, no nosso momento de escolher o livro didático, a gente criou um evento aberto para a rede municipal, estadual... os professores fizeram inscrição, a gente foi para uma sala do CEPAE e debateu os livros que tinham, e a gente fazia muito isso entre nós. Toda vez que tinha escolha de livro, ou dos anos iniciais, ou dos anos finais, ou do ensino médio, a gente sentava e discutia. E como a Andréia tinha essa experiência de avaliar livros didáticos para o PNLD, ela usava as fichas de avaliação para orientar a nossa leitura. Então, a gente aprendeu a ler livro didático. A gente olhava o livro... não olhava só o texto... era o texto, a relação com a imagem, era a atividade, se estava conectado, o mapa... Aquilo era muito rico e tudo isso integrava o nosso projeto. Porque ele era um projeto guarda-chuva, que servia tanto para orientar a proposta... isso era uma coisa que a gente dizia muito... a gente diz isso nesse artigo que vocês leram, que a gente tinha uma proposta de ensino de História que ela ia dos anos iniciais aos anos finais. Os eixos eram os mesmos, ainda que os procedimentos, os conteúdos, os encaminhamentos pudessem variar, não tinha como dar a mesma aula lá para os anos iniciais do que os anos finais, obviamente. Mas os princípios eram muito parecidos, e eu



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

me lembro muito de discutir com a Ségis... e eu não sei se vocês chegaram a falar com o Ataíde... o Ataíde foi um professor lá da área, que ele fez, eu acho, uma dissertação sobre ensino de História... gente, olha o Ataíde, ele tem... acho que ele fez uma dissertação sobre tempo, que ele era professor de História dos anos iniciais. Então, era o Ataíde, era a Ségis e também uma outra professora super importante, como é que é o nome dela, gente?

E 2: Cleidna.

R: Cleidna... Todos eles eram do grupo de pesquisa e todos eles... claro que Ségis, Ataíde e Cleidna, eles eram dos anos iniciais... Mas, por exemplo, o Ataíde, ele fez, salvo engano, se não foi a tese, foi a dissertação dele, sobre o ensino de História.

E 1: E a Sônia, esposa dele, participava do grupo?

R: A Sônia, não, a Sônia é da área de Português... é outra área. Nas nossas reuniões de pesquisa, eles apresentavam o trabalho que eles faziam com os anos iniciais... eu me lembro de participar de várias reuniões para discutir a escolha de livro didático para os anos iniciais. Ainda que a gente não atuasse, a gente era uma área. Então, tudo era discutido coletivamente. E a gente sempre



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

pensava esse trabalho a partir dos nossos eixos. Que era isso... eu falei para vocês alguns, mas tinham outros eixos. Indissociabilidade da leitura e da escrita no ensino de História, que é uma coisa que eu até hoje uso muito isso... tudo isso perpassava o projeto. Essa experiência no CEPAE, para mim, é a experiência mais marcante, nesse sentido, porque ali eu acho que foi um momento de conexão, de poder conectar muitas coisas que eu tinha aprendido... conexão das minhas próprias experiências... e eu acho que de conexão teórica, que até então era algo que eu não tinha, pela falta de leitura, pela falta de conhecimento. Até então, até o meu ingresso no CEPAE, eu era uma pesquisadora do campo da História. Eu cheguei a fazer concurso para a História do Brasil... eu era uma professora de História do Brasil. Eu dei aula de História do Império, dei aula de História do Brasil Colônia, cheguei a dar aula de Moderna... então eu não me via como uma pessoa do campo do ensino... eu comecei a me ver como uma pessoa do campo do ensino quando eu fui trabalhar com estágio, porque aí eu comecei a acessar... então a gente começou a ver ali, no finalzinho da minha permanência na UEG... eu me lembro de ter ido no meu primeiro Perspectivas [ABEH]... ah, não, mas acho que eu já estava no CEPAE... não, eu já estava no CEPAE... mas eu me lembro de já saber do Perspectivas do Ensino de História, estando ainda na UEG... eu não tinha ingressado no CEPAE, mas foi no CEPAE que eu comecei, quer dizer... ali eu me via na transição... mas foi no CEPAE que eu passei a me ver como



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

uma pesquisadora, em que eu assumi que eu era uma pesquisadora no campo do ensino, que era aquilo que iria me ajudar no trabalho que eu iria desenvolver ali... e não por acaso, quando eu decidi fazer concurso para sair de lá, eu escolhi a área do ensino de História... foi o meu primeiro concurso aqui na UFSC... o primeiro concurso que eu fiz foi aqui, e já foi no ensino de História para estágio... então acho que isso de ter escolhido fazer concurso nessa área diz desse meu convencimento de que eu era uma pesquisadora do ensino, não era mais uma pesquisadora de Brasil. Ainda que eu hoje me vejo... acho que tudo que eu faço e que eu sou, as coisas que eu fui fazer depois aqui, tem a ver, também, com a formação que eu tive... hoje, por exemplo, eu sou uma professora no ProfHistória... por exemplo, nos trabalhos que eu oriento tem muito a ver com patrimônio... semana passada eu levei à defesa uma estudante que pesquisou uma festa... então eu fui pesquisar a questão étnico-racial, mas os temas que eu estudei no mestrado e no doutorado, de alguma maneira, hoje, são os meus temas também dentro do campo do ensino, porque o ensino de História tem isso também, ele é um campo que se abre, e ele também conversa com as temáticas históricas. Então, hoje, por exemplo, eu me identifico com isso, uma pesquisadora... eu sou uma pesquisadora do campo do ensino de História, trabalho número um com formação de professores de História. Mas eu também sou uma professora do campo do ensino de História que trabalha com educação patrimonial, ou essa relação entre ensino de História, o campo da memória e do



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

patrimônio... inclusive aqui na UFSC, nós temos um grupo de pesquisa que é isso....PAMEDUC... Patrimônio, Memória e Educação... então eu me inscrevo nesse lugar... até as disciplinas que eu dou no ProfHistória são essas disciplinas mais no campo do patrimônio, mas eu também, desde o meu trabalho lá no CEPAGE, que a gente leu muito sobre a lei 10.639... então a gente começou... a gente fazia todo um trabalho pensando isso, o ensino da história dos povos afro-brasileiros e indígenas... isso hoje é talvez o aspecto mais importante do meu trabalho, então eu também hoje me considero uma pesquisadora do campo do ensino de História na interface com a educação das relações étnico-raciais, o que é o trabalho que eu faço no estágio... todo o meu estágio está articulado com isso, é muito do trabalho que eu também faço no ProfHistória, porque, quando a gente olha para o campo do patrimônio, o patrimônio não é neutro... então obviamente que hoje me interessa muito mais os patrimônios negros, indígenas, subalternizados. Então, veja que as coisas... elas vão se conectando, sabe? Então, de alguma maneira... de ter sido uma pesquisadora muito híbrida, eu sempre fui muito híbrida, eu nunca fiquei no campo fechadinho da História. Eu estava na História, estava na Antropologia, estava no teatro, estava no movimento estudantil, queria ir para as Ciências Sociais, não deixaram, voltei para a História, mas veja... eu fiz esses meus deslocamentos todos nas pesquisas, no TCC, no mestrado, fui trabalhar com objeto híbrido, que é festa, então eu tive que ler muita coisa das Ciências Sociais, da Antropologia,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

da Sociologia... Isso de ter tido uma trajetória tão singular nesse sentido, de não ter sido linear, ter sido muito com idas e vindas e tudo mais, muito contingenciada também pela necessidade, que muita coisa que eu fiz não era porque eu queria fazer, mas porque eu precisava, mas eu acho que diz um pouco do lugar que eu ocupo hoje no campo do ensino, que é esse lugar também... eu não me vejo fechadinha dentro de um nicho dentro do campo do ensino de História... eu me vejo numa posição muito permeável, muito híbrida, e eu acho que sempre em busca de estabelecer essas conexões. Então, nunca estou pensando só a formação do professor, *ipsis literis*.... É a formação do professor, mas conectada também com o lugar social, lugar político, lugar de posicionamento. Então, isso também, depois de ter ido para o PNLD, eu trabalhei muitos anos no PNLD... Comecei em 2010, o primeiro PNLD que eu fiz, eu estava aqui, já era professora aqui, e fui por anos, até o último eu fui, com pequenas falhas, mas ali também fui criando as redes... eu fui também me fortalecendo como pesquisadora, que o PNLD tem isso, até isso dá outra pesquisa, das redes que o PNLD provocou no campo do ensino de História. Fica a dica aí, Cristiano. [risos] Que a gente criou toda uma rede de... Hoje, muito do que é a ABEH e do que é o Perspectivas tem a ver com as redes do PNLD, que são as redes que ele construiu de pesquisadores. Então, eu também me fiz muito nessas redes, me aproximei muito do pessoal do Nordeste, do Rio Grande do Sul, do Rio. Então, o fato de eu estar no ProfHistória hoje tem a ver com isso,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

dos contatos que eu fiz, a gente ter trazido o ProfHistória pra cá pioneiramente lá em 2014 tem a ver com essas redes que são anteriores... mas eu vejo isso, que essa formação é muito complexa.

E 2: Nós vamos retomar, então, a partir dessas trajetórias que você desenvolveu no ensino de História, na pesquisa no ensino de História...você falou sobre essas orientações, também, e acabou introduzindo as questões das associações das redes que foram importantes para você. Então, se você puder relatar essas ações que você considera significativas na extensão, significativas também nas instituições, nas associações de classe e associações científicas... se você puder trazer quais essas ações são mais precisas para a gente.

E: Assim, acho que em relação às associações que é um ponto bem importante eu comecei a participar formalmente dos encontros de ensino de história depois que eu já estava no CEPAE... salvo engano, o primeiro que eu participei foi em 2009... foi um dos Perspectivas, que teve em Uberlândia, eu me lembro que fui... até consegui liberação da universidade, fui apresentar pesquisa e tudo, e de lá para cá eu tenho participado de uma boa parte, da maioria deles... depois, o outro, Pesquisadores [ENPEH] que teve foi já aqui em Florianópolis, eu já estava aqui... participei da maioria... eu acho que teve poucos que eu não participei desde 2009 para cá.... Então, eu tenho sempre essa coisa da



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

alternância, do Perspectivas e do Pesquisadores. Então, teve alguns momentos que eu me inscrevi, eu fui como inscrita, como apresentadora. Em alguns momentos eu fui convidada ou para fazer mesa ou para coordenar grupo de trabalho. Me lembro que, eu não sei se foi o primeiro, mas quando teve o Pesquisadores no Rio de Janeiro, eu fui convidada para coordenar um dos grupos de pesquisa. Até foi a professora Ana Maria, que era a organizadora do evento que me convidou, junto com outro grupo... foi bem interessante porque foi eu, a Helenice Ciampi, que é uma figura histórica do campo... foi bem interessante dividir um grupo com ela, e mais a professora Jussara Mello, que ela é uma professora da PUC, lá do Rio de Janeiro. Eu participei desse... foi um Pesquisadores marcante pra mim, porque eu fui nessa condição de convidada, para estar ali também articulando com os pesquisadores do grupo, depois fazer aqueles relatos na Assembleia Final. Esse ano, depois a gente tem que pesquisar, foi depois, eu acho que foi um ou dois ENPEHs depois... participei do ENPEH também, coordenando o grupo, mas aí já era uma época... porque o ENPEH tem isso... em alguns momentos as pessoas foram convidadas e depois começou a se abrir para a pessoa se inscrever, propor os grupos. Quando teve o ENPEH lá em Cuiabá, da UFMT, eu também não vou me lembrar do nome, do ano... 2019... esse eu me inscrevi, eu me inscrevi junto com a Carmen Gil, que hoje é uma parceira de trabalho minha, lá da UFRGS, e a gente fez um... acho que a gente tinha mais uma colega, a Carina Martins,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que é da UERJ, hoje... a gente montou um GRD, GPD, acho que é GPD, Grupo de Pesquisa Docente, sobre educação patrimonial. Então esse eu me lembro que a gente se inscreveu e teve outros... deixa eu pensar aqui... acho que teve alguns que eu acabei não indo... teve um que foi online, que eu cheguei a fazer só uma palestra online, teve o Pré-ENPEH, que teve também o de Recife, que foi híbrido... Acho que nesse que eu acabei fazendo só uma palestra no Pré-ENPEH. E isso... na maioria, eu sempre apresento o trabalho. E em alguns eu fui ou na condição de convidada ou para organizar grupo, ou me dispondo a organizar grupos de pesquisa, ou GRDs, ou na condição de palestrante. Lembro agora que eu também coordenei o grupo no Perspectivas que teve na UFRGS, que foi muito marcante. Foi muito bom aquele Perspectivas... foi muita gente. Eu me lembro que o pessoal do ProfHistória estava começando a ir nos eventos. A gente levou uma galera aqui da UFSC... Muito frio, mas ao mesmo tempo um evento muito decolonial, com muita... Muitos indígenas palestrando, ensinando... e aí teve os eventos de campo, que é uma coisa que eu achei super legal... então, nos grupos específicos de ensino de História foi isso. Agora, o meu vínculo com a ANPUH, ele é um pouco mais antigo, porque desde o meu período de graduação, eu sempre participei dos congressos da ANPUH... lá na UFG eu acho que tem um pouco essa cultura, da gente ser incentivado a ir... me lembro que eu fui no, eu acho que foi 90, eu entrei em 92... acho que 94 eu já fui no congresso... então o primeiro a primeira ANPUH que eu fui foi a de



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Pernambuco, acho que foi em 94, já não me lembro mais... a primeira foi essa de Pernambuco, que foi em Recife... depois eu fui na de Minas, que agora esse ano [2025] vai ser de novo em Minas, mas tinha sido aquela lá do passado... acho que em 97 ou 99... 97, eu acho... depois eu vim aqui na UFSC que foi em 99, se eu não me engano. Então, com a ANPUH, eu tenho um vínculo mais longo, por isso, por conta do incentivo do curso e também por ser isso, de ser um grande evento de história... eu sempre vi a ANPUH como aquele momento de fazer aquela pausa, viajar, apresentar trabalho e encontrar os colegas, comprar livro, fazer um pouco de turismo... pra mim a ANPUH sempre teve esse lugar de um evento com muitas possibilidades desses encontros... a minha relação é mais antiga e em 2000... deixa eu fazer as contas, aqui... em 2019 eu tive uma experiência mais formal que foi quando eu fui da gestão do GT Nacional do Ensino de História. Então, eu, juntamente a Helenice Rocha, da UERJ, a Juliana Andrade, da Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, a gente fez uma tríade... naquele momento já começou a ser três pessoas na coordenação, e a gente coordenou o GT Nacional de Ensino de História, e isso foi de 19 a 21. E aí um pouco antes disso eu acabei indo para a chapa da ANPUH, que concorreu à eleição em 2021... na época a gente fez todo um trabalho com o GT e tudo mais, e eu fui indicada para uma das chapas, porque naquele ano foi o primeiro ano que teve duas chapas... numa das chapas eu fiquei representando o campo como candidata editora da revista e a Helenice... a gente entrou num consenso



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que era importante que o campo do ensino estivesse representado nas duas chapas... a Helenice ficou na outra chapa como candidata para a revista, e aí acabou que a minha chapa ganhou, então eu tive essa experiência mais formal com a ANPUH, como editora da revista. Então, de 21 a 23, eu tive essa atuação como editora da revista e também como membro da associação, da diretoria, porque a gente fazia tudo colegiado. Eu não cuidava só da revista, eu também coordenei eventos, fiz mil coisas, participava de todas as decisões, ia para São Paulo, que é uma época também diferente da ANPUH... porque agora a ANPUH também cresceu muito, as diretorias são maiores e tudo mais. Mas aí é isso... eu considero que a minha relação com a ANPUH, ela tem mais longevidade, mas nos grupos da ABEH, no ENPEH e no Pesquisadores, é onde eu acho que eu tenho tido mais espaço para pensar as pesquisas, para, enfim, apresentar as pesquisas, ou mesmo experiências... nesses 15 anos que eu estou aqui, foram muitas experiências, com projetos de extensão, com PIBID, com estágio. Então, me lembro do ENPEH, a ANPUH também... Não posso dizer que a ANPUH não, mas o ENPEH é aquele espaço, o ENPEH ou Perspectivas, aquele espaço, eu acho que de uma escuta mais qualitativa, que você encontra ali mais pares, mais professores, outros pesquisadores do campo do ensino, ainda que, eu acho que desde que eu comecei a apresentar trabalho na ANPUH de ensino... porque por muitos anos eu apresentei os trabalhos referentes à minha dissertação ou tese, tem isso também. Mas eu acho que desde que eu entrei para o campo do



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

ensino, desde o CEPAE, eu comecei a ir para a ANPUH para apresentar ensino. Mas já era uma época que já tinham grupos de ensino de História, então não encontrei... não me senti deslocada, porque os grupos já eram específicos, e muitas vezes eram pessoas parecidas, que também frequentavam o ENPEH, porque também também tem essa característica... alguns de nós estamos nos dois lugares, alguns pesquisadores optaram em sair da ANPUH, e hoje estão apenas na ABEH... eu faço a opção de estar em todos os lugares, pois eu entendo que a ANPUH tem uma importância muito grande para nós e para o campo do ensino... a gente não pode abandonar, entendeu? Eu prefiro estar lá, disputando, com todas as dificuldades, ainda que eu me sinta melhor entre o pessoal da ABEH, mas eu acho que a gente também tem que estar lá. Então, fiquei um pouco nisso aí. A questão das orientações... posso falar disso, já? As orientações. Quando, nas minhas experiências como professora da UEG, eu acabei trabalhando um período como orientadora de especialização, acho que eu trabalhei em umas duas ou três especializações da UEG, então eu tive experiência de orientar, trabalho de conclusão de pós-graduação *Lato Sensu*... tive as orientações de estágio, que talvez sejam as maiores, então no meu Lattes até hoje eu tenho muitas orientações de estágio, que é o período que eu estava como professora do CEPAE; eu registrava aquelas orientações, porque a gente orientava estágio, a gente não era apenas preceptor, não era só supervisor, a gente orientava, era uma exigência da área, que a gente orientasse



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

juntamente com os professores lá da Faculdade de História. Então as minhas orientações passam muito por isso, por especialização, estágio, e eu só vim orientar mesmo o mestrado aqui na UFSC, isso a partir de 2014, que é o período que eu ingressei no ProfHistória... a gente tá nele desde o início, eu cheguei em 2010, e o ProfHistória começou em 2014, eu acabei fazendo a opção de ficar só no ProfHistória, até por uma questão de sobrevivência, porque ir pra um outro programa de pós-graduação significaria também ter que abdicar de outras coisas. Eu estou no ProfHistória desde 2014 e aí, nesse contexto, venho orientando vários trabalhos, acho que já passaram de 10 dissertações que eu orientei aqui no ProfHistória, mas tenho optado, por enquanto, ficar só nesse programa, até porque agora também a gente tem o doutorado, então tem um outro nível de exigência... na verdade, nunca sobrou espaço, porque a gente até tem alguns colegas da área que estão aqui no PPGE... já me convidaram muitas vezes pra ir pra lá, porque lá tem uma linha de pesquisa, não ensino de História, mas ela é uma linha que cabe o ensino de História, mas eu nunca tive pernas, e aí como também aqui eu fiquei muitos anos coordenando o ProfHistória, muitos anos coordenando o PIBID, professora de estágio, que tem uma carga horária enorme...

E1: [inaudível]



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

R: Não tem ensino... é um curso muito... ainda que hoje a maioria dos alunos façam licenciatura, é um curso muito fechado para as questões de ensino. Eu acho que os colegas são abertos em termos de sensibilidade, e até a gente tem alguns que trabalham no ProfHistória... mas o ProfHistória, aqui, por exemplo, ele não está lotado no CFH, ele está lotado aqui na Educação, e nós, professores da Educação, é que levamos o curso, que somos maioria. Claro que temos alguns de lá, vários de lá, mas eu sinto que os colegas... poucos têm pesquisas no campo do ensino, eles levam as suas pesquisas nos núcleos duros da História e o ensino é mais extensão do que pesquisa.

E 1: [inaudível]

R: Deles, agora, é História Global...

E1: E a parte de teoria, do ProfHistória, é lá?

R: É, às vezes é, costuma, mas a gente já teve outros professores que não eram de lá, que davam teoria, em geral é assim, a gente já teve desde a professora Cristina Scheibe, a Janine, que são da área do gênero, que já deram teoria, uma época a gente teve um professor do Instituto Federal, que se credenciou aqui, agora ele até não está mais, mas ele trabalhou por anos, Luciana Azambuja,



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que é do campo da educação histórica... ele deu aula um tempo aqui, a teoria... aí em outras épocas a gente tem um professor de lá, um professor daqui, às vezes só um professor de lá, é uma disciplina que não tem muito dono... depende do arranjo do momento, a oferta, mas a disciplina de História do Ensino de História é sempre com a gente... Seminário de Pesquisa é sempre com a gente, porque a gente entende que precisa ser alguém que está no campo do ensino, que vê o campo do ensino como pesquisa, até para não desorientar os estudantes na hora de pensar na formulação dos projetos... eu acho que os colegas lá também entendem isso, que eles trazem mais uma contribuição teórica e epistemológica dos temas que eles pesquisam; tem professores que trazem muita contribuição da questão das linguagens, das tecnologias, ou das suas áreas específicas mesmo. Então, é isso. Mas o ProfHistória é isso, essa confluência de áreas e de perspectivas que vão operando ali, às vezes, de formas muito diversas.

E 1: A disciplina de teoria, parece que é a que mais tende a permanecer como PPGH.

R: É, exatamente.

E1: Obrigado, Mônica. Excelente. Eu acho que podemos ir para a etapa final.



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Para finalizar nossa conversa, a pergunta que você já respondeu... ainda está atuando no campo do ensino de momento, essa pergunta antes de encerrar. Seriam perguntas já pensando em perspectivas de futuro. O que avalia que mais mudou em relação ao ensino de História? Ainda não é futuro, é uma avaliação sobre o passado e o presente. O que avalia que mais mudou em relação ao ensino de História na escola desde o início da sua experiência profissional? E o que avalia que mais mudou em relação ao ensino de História quanto à pesquisa? O que você percebeu nessas primeiras experiências que você teve? Podemos pensar a partir de 2006, então, quando você identifica essa inserção da pesquisa de ensino, ou também considerando as experiências da educação básica de ensino. Quais seriam as principais mudanças que você percebe e a formação de professores hoje? Essa pergunta vem muito ao encontro do que você falou... e nessa parte vamos encerrar.

R: Bom, eu considero que eu sou uma professora do campo do ensino de história... acho que há quase 20 anos, que é o período que envolve o ingresso do CEPAGE, e depois o meu próprio ingresso aqui na UFSC, há quase 20 anos, mais ou menos. Então, para mim, mudou muita coisa... eu acho que a forma, eu sempre comparo... é inevitável comparar a formação que a gente oferece hoje para os estudantes, com a formação que nós tivemos, e que a gente mesmo ofereceu em outros momentos. Então, eu acho que uma mudança



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

fundamental, hoje, pensando em formação inicial, é o aumento das 400 horas de estágio... como essa disciplina que ganha muita visibilidade no currículo, querendo ou não, gostando ou não, os estudantes precisam fazer 400 horas de estágio, e aqui na UFSC... na UFG, eu já não me lembro... Acho que já era, na época que eu trabalhei no CEPAE, já era 400 horas, mas eu pude vivenciar isso mais aqui, porque aqui eu era professora do curso, lá eu só era professora do estágio, eu só recebia... então eu vejo uma diferença entre os alunos que a gente recebia lá e os alunos que eu recebia aqui... quando eu cheguei, eram alunos, primeiro, que tinham muito isso de pensar o bacharelado... então eu acho que isso também é uma mudança, ainda que hoje os cursos continuem, eu acho que em sua maioria, frisando a formação para pesquisa histórica, eu acho que o próprio conceito de pesquisa histórica se alargou tanto, e hoje para a história pública... e acho que com um chá de realidade, de que se a pessoa vai trabalhar com história, é a minoria que vai para a universidade; a maioria vai para a educação básica... hoje os estudantes, talvez por conta da própria formação que eles recebem, que aí também tem outros professores ao longo do curso, que vão dando disciplinas de outras áreas... a gente mesmo... aqui a gente tem disciplinas na terceira fase, na quinta fase, e o estágio são nas últimas fases, pelo menos ainda é assim, ainda não mudou... talvez mude por conta da nova legislação. Mas o fato é que eu percebo essa mudança... eu acho que me chocava muito os alunos terem muito desprezo pela sala de aula, aquilo me



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

irritava muito, porque eu pensava... gente, é isso que paga as contas... eu tinha isso empiricamente... eu vivia, perdão da palavra... eu era uma prostituta, dando aula aqui, ali, ali, ali, para pagar as contas, porque aí eu estava ali, numa escola... um lugar super importante, porque a gente tinha oportunidade de formar as pessoas... eu sempre lidei com certo desprezo por essa questão dos alunos... nunca foi uma questão minha... eu nunca tive esse desprezo, não me lembro... então me chocava, claro que não são todos, mas na UFG eu me lembro de alguns que chegavam lá com muito desprezo, com muito pouco caso, com muita dificuldade para se conectar com os estudantes, com muita dificuldade em pensar a escola para além do conteúdo histórico... de entender que a escola tem uma dinâmica, de achar que é perda de tempo você chegar e conversar com os alunos sobre um assunto sensível, que não é o seu conteúdo. Achar que aquilo não é aula, não entender as dinâmicas... aquilo, sempre me preocupou. E quando eu cheguei aqui, era muito parecido, não era o problema da UFG, entende? Inclusive aqui eu tive alguns atritos, no começo, porque eu já vinha com essa cabeça, do ensino e tudo mais, da pesquisa... foi um período em que, nos dois primeiros anos, a gente ainda ouvia muito, dos alunos, piadinhas de que o estágio era uma coisa menor, que eles não gostavam, porque eles estavam ali só pra poder cumprir tabela... então eu percebo que ao longo do tempo isso foi mudando, isso não aparece mais... eu não vejo mais isso e se tem alguém que tem essa perspectiva, eles não falam mais, eles não



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

ousam... às vezes, no meio do estágio a pessoa revela: “professora, eu quero fazer um mestrado”... eu mesma tive um aluno ano passado, que no meio ele falou: “professora, eu vou fazer mestrado em Sociologia... eu não vou dar aula, eu não quero ser professor”. Mas ele nunca falou isso em sala de aula. Mas antes era muito comum, sabe? Então eu vejo que essa nova geração, na qual eu me incluo, que se formou... eu não me formei, eu não fiz mestrado e doutorado pesquisando ensino de História, mas eu me formei na prática e fui e buscar isso depois. Então, eu acho que essa sensibilidade toda que o campo abre para a gente pensar o ensino, a sala de aula, tem sido muito importante, porque não sou só eu, é uma geração de professores que eles acessam e estão dizendo a mesma coisa, e que vão oferecendo outros referenciais, outras possibilidades. Então, eu vejo que há uma outra sensibilidade dos estudantes de História para a sala de aula. E aí eu acho que tem um outro lugar importantíssimo que é o PIBID... eu também pude vivenciar isso aqui... a gente começou o PIBID História aqui na UFSC, porque na época ele só era para as áreas de Língua Portuguesa, Matemática Física, Química... mas abriu um edital aqui, acho que foi em 2014, se não me engano, e a gente incluiu História... todas as áreas que a gente queria... então eu acho que o PIBID abriu outra perspectiva, porque daí os estudantes vieram fazer essa imersão... a gente tem uma coisa muito legal aqui que vários dos nossos supervisores depois vieram fazer o ProfHistória... então as coisas foram... as políticas foram se conectando.



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

E então o PIBID foi crescendo. Hoje eu voltei para o PIBID. Fiquei um tempo fora, mas voltei, por acreditar tanto nesse programa e tudo mais, e eu vejo hoje os alunos muito mais empolgados, muito mais sensíveis, então eu acho que hoje a gente oferece uma formação diferente, acho que uma formação que reivindica de uma forma inegociável que a gente não forma o professor só com conteúdo histórico, ainda que a gente entenda que eles precisam ter uma boa formação, precisam ler, precisam compreender as coisas, mas isso não é suficiente, porque eles precisam entender de muitas outras coisas. Então eu tenho muito orgulho, sabe? Hoje, quando eu entro numa aula de estágio, falando de cultura escolar, colocando eles para ler texto de cultura escolar, colocando eles para se movimentar dentro do campo do currículo, da didática, da história da educação, voltar para o ensino, ir para a história. Então, fazer esses movimentos... eu acho que hoje a gente faz isso, com mais legitimidade, com mais propriedade, melhor dizendo. E sem titubear, sem achar que a gente está se corrompendo... não se trata disso, se trata de uma especificidade importante.

E 1: [inaudível]

R: E o ProfHistória, eu ia te dizer, para mim, os marcos, o aumento das 400 horas do estágio, eu acho que essa nova geração de professores que está lendo e pesquisando o campo do ensino, o PIBIB e o ProfHistória. Então, o



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

ProfHistória, para mim, ele vem coroar, porque aí, com o ProfHistória, a gente traz o professor da educação básica para a universidade... gente, alguns que já são do PIBID, foram do PIBID, a gente começa agora a ter no ProfHistória... alunos nossos que se formaram aqui, fizeram o PIBID, foram os supervisores, agora voltam a fazer no ProfHistória, com 10 anos de curso isso começa a acontecer, mas a gente tem um público de professores que há muitos anos está fora da universidade, que jamais fariam um acadêmico, ou que tentaram o acadêmico e não conseguiram, e tem trazido para a gente toda essa possibilidade de pensar a partir das experiências deles, do que eles trazem. Então, isso que a gente fala tanto no campo da teoria, fala tanto no estágio, que o professor é um sujeito de saber, de saberes, então o ProfHistória permite conectar, porque, por exemplo, no estágio, eles estão aprendendo. O estágio, para a maioria, é aquela primeira inserção num ambiente escolar. Eles vão lidar com coisas muito básicas. No profissional, não. São professores que, às vezes, estão há 20 anos... Eu agora estou levando... Levei uma defesa semana passada, comecei um em agosto, veio outro... professores com 20 anos de carreira. Uma com 23, outra com 25 anos. Professores de cabelo branco e reaprendendo coisas, resignificando, reelaborando tudo, e a gente fazendo isso junto e, muitas vezes, não de uma forma hierárquica... esse meu estudante mesmo, que defende agora em agosto, o Nivaldo, ele trouxe para a dissertação um tema que ele já pesquisou no TCC dele, há 20 anos atrás, e ele traz agora



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

como uma proposta de ensino, mas ele sabe muito do tema, ele sabe muito do que ele quer pensar com aquele tema, porque ele é um professor, ele tem uma experiência, ele tem uma perspectiva de ensinar história com os estudantes, então isso é muito diferente... eu não estou pensando a pesquisa, só uma pesquisa com ele, é a parte dele, dos saberes dele... claro que a gente entra com muitas coisas, muitos referenciais que eles não têm, tudo mais, mas é um tipo de pesquisa e de experiência profissional que é muito, é muito distinta de um acadêmico; ainda que eu não tenha tido a experiência de orientar num acadêmico, eu fui estudante de programas acadêmicos, eu sei como é, então a gente entra no projeto do professor... aqui, não... eles entram sem projeto... eles constroem o projeto no curso, o projeto necessita discutir com as experiências deles... então veja, o ProfHistória hoje é material que a gente usa para orientar estágio, ele é material para o PIBID, então as coisas vão se conectando e vão se realimentando... eu acho que a gente vive uma época muito boa, eu me sinto bem de poder ter vivido épocas em que as políticas importantes vêm fazendo essa diferença. Vêm possibilitando a gente também construir sentidos, criar conexões. Claro que eu acho que tem todo o desafio do mercado de trabalho... eu sempre me preocupo muito... para onde vão os nossos estudantes? Eu sempre acho que o mercado é muito precário. Que a gente forma bem, a gente forma muito bem, forma muito melhor do que já formamos, mas o mercado está mais difícil... poucos concursos, muitos



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

contratos precários... depois a gente vai reencontrando eles, mas a gente sabe de muitos que saem da área por não ter vaga, por não ter oportunidade... alguns também não querem voltar para o interior, tem todo esse dilema. Mas enquanto campo de pesquisa eu vejo, hoje, o campo do ensino de História ... é um campo muito rico, muito plural, então aquilo que eu falei para vocês, desse lugar que eu ocupo, esse lugar híbrido, que estou na formação de professores, mas estou conectada com o patrimônio, estou conectada com a educação das relações étnico-raciais, ao mesmo tempo que eu também pesquiso livro didático e tudo mais, eu acho que é um campo também muito demandante, porque você está ali, a maioria de quem pesquisa, e é o meu caso, a gente está atuando nessa formação inicial ou continuada, então acho que a gente vai se envolvendo, se atualizando e vai sendo impactado por essas demandas. Eu, pelo menos assim, me vejo como uma professora que, ao longo desses anos, fui me aproximando da questão étnico-racial, por entender que isso é uma demanda. E ela é uma demanda permanente do campo do ensino. E que ela não se esgota, e que ela não pode acontecer num momento único, ela tem que ser replicada, realimentada, atualizada. Então, ter a formação inicial não significa que você vai garantir que essa pessoa vai acessar isso. Então, por exemplo, hoje eu penso os meus lugares dentro do campo do ensino como lugares transversais; por exemplo, eu vou trabalhar uma disciplina de patrimônio, isso é transversal ao meu trabalho de formação de professores, então tem sempre a formação de



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

professores pensada ali, e a questão de uma perspectiva crítica do campo do ensino, porque é um ensino que para mim só faz sentido se ele é emancipatório... a gente ensina história para emancipar, a gente pode até não conseguir, mas se não é para transformar, se não é para mexer, é para quê? Então para mim, hoje, pensar o campo do patrimônio está totalmente em diálogo com as questões raciais, com as questões da desigualdade, com a história do nosso país, com os nossos dilemas, porque eu acho que nós formamos a maioria para a escola pública, a maioria de nós trabalha ou vai trabalhar com a sociedade mais pobre do país... preta, pobre, desfavorecida em muitos níveis... então é aquele lugar, talvez o único lugar, que aquela pessoa vai acessar determinadas questões sobre o mundo. Que lugar que a gente ocupa? Se a gente também tem um lugar limitado... Porque se a gente tivesse todo o tempo do mundo, mas o tempo da aula é cada vez um tempo mais circunscrito... Porque o currículo é muito demandante, tem muitas coisas concorrendo ali. Então, dentro do tempo que a gente ocupa, que é limitado, que concorre com tantas outras... Eu acho que a gente tem que ter muito claro: qual é o nosso objetivo? Qual é a nossa finalidade, ou quando eu tô formando professor de História, ou quando eu tô ali, formando ele pra sala de aula, ou quando ele está na sala de aula... por isso que, pra mim, hoje, essas questões são mais importantes... eu tô sempre me vinculando com questões que, a meu ver, conectam o ensino com perspectivas de futuro... no estágio mesmo, eu estou



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

sempre pedindo que eles se conectem. Então, ensinar a história não é só ensinar a refletir sobre o passado. A gente faz isso no presente e o futuro precisa estar pautado também, porque ele é mobilizador, não só de percepções, mas de perspectivas e de ações. A gente consegue pensar isso com muita clareza quando você fala, por exemplo, na questão do racismo... o que adianta eu só ensinar a escravidão, que teve isso, que tem racismo, se eu não engajo, se eu não provoco, se eu não mobilizo, se eu não crio situações didáticas para aquele estudante ter uma experiência... que ele experiencie o que é estar nesse lugar, como me posicionar nesse lugar, o que eu faria se eu estivesse nesse lugar ou quando eu estiver nesse lugar... hoje esse tipo de perspectiva que eu acho que o ProfHistória me ensinou, em alguma medida... o ProfHistória tá muito preocupado com isso... a gente pensar o contexto e pensar algo a partir desse contexto, algo prático, que a gente chama no curso de dimensão propositiva. É sempre assim, é um material didático, é uma ação, é uma exposição... então a gente, no ProfHistória... é incontornável, pelo menos nas pesquisas que eu oriento, a gente pensar o ensino dentro do recorte que a pessoa faz a partir de um problema e como é que a gente lida com esse problema. Como é que a dimensão propositiva dialoga com isso? Como é que ela interfere, como é que ela problematiza, como é que ela tensiona, como é que ela amplia, como é que ela melhora. Seja a prática do próprio professor, seja uma situação determinada aí, no campo do ensino, que o professor está enfrentando... e aí eu só queria



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

dizer mais uma coisa, que eu acho que um encontro, que mudou muito dentro do campo do ensino, eu acho que também foram os textos da professora Ana Zavala... que os textos da professora Ana Zavala têm me ajudado muito a perceber o meu lugar como professora, aquela professora que se pensa o tempo todo, que pensa a sua prática, mas não naquela perspectiva antiga, do professor pesquisador... não é só isso, é muito mais do que isso... a gente olhar a nossa sala de aula e a gente considerar as dimensões subjetivas que envolvem o nosso trabalho, as escolhas que a gente faz, o que a gente não faz... e como colocar isso em perspectiva, para que a gente possa se refletir. Então, hoje, por exemplo, eu já tenho escrito alguns textos nessa perspectiva de me colocar ali no jogo, que eu não estou analisando, eu estou me analisando... até tive uma experiência recente, eu não sei se vocês viram, a gente fez um material que são escritas de ensino de história em primeira pessoa. É uma publicação, depois até vou mandar para vocês o link, assim, para vocês verem. Foi um projeto que a gente fez com a professora Ana Zavala, e ela orientou a gente na escrita desses textos, que são textos baseados em princípios, os princípios que ela usa, e um deles é o enfoque clínico, diálogo com a psicanálise, escrita de si, enfim... é um amplo referencial. Então, essas leituras, que são talvez as que mais me impactam, por último, também estão me ajudando muito a olhar para esse trabalho, sempre como esse trabalho em movimento, esse trabalho que está sempre buscando não só aperfeiçoar, mas o tempo todo repensar o que eu



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

faço, para onde eu estou indo, que sentido é esse que eu quero. E dentro do ProfHistória eu tenho tentado levar essas leituras... cada disciplina que eu dou, eu levo os textos da Ana, a gente discute, pensa... esses livros agora ajudaram muito, porque em um deles a gente traduziu os capítulos que ela tem, que são textos que ela foi escrevendo para revistas, capítulos de livro, então a gente juntou alguns, que ela considera os mais importantes, ou os mais marcantes para ela, e a gente traduziu, aí cada equipe traduziu um capítulo e esse é o livro. E aí o livro é uma pequena apresentação do capítulo por nós... a equipe que traduziu, e o texto traduzido. E depois a gente fez a coletânea do *Escritas de Ensino de História, ensino de história em primeira pessoa*... Nesse eu também escrevi um capítulo, que eu gosto muito, porque ali eu me coloco muito pra jogo, eu sou uma professora de estágio em crise no meu texto... eu conto ali do meu trabalho, da minha experiência, e eu acho que ali eu me posiciono muito nesse lugar de uma pesquisadora que está em trânsito, em crise, mas, ao mesmo tempo, aberta e preocupada. Então, enfim, acho que é uma referência que eu não poderia deixar de dizer, porque eu acho que ela é bem marcante agora, nesse momento.

E 2: A gente agradece. Estamos caminhando para o encerramento da nossa entrevista. Além do trabalho, o que você gostaria de dizer? Qual o seu maior sonho hoje? Tem alguma coisa que você gostaria de contar? O que você achou



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

de contar sobre a sua história? E se tem alguma questão que você gostaria de narrar [além do que foi dito].

R: Olha, eu sou uma pessoa que vivo para o meu trabalho, eu acho que essa é uma característica... me considero de muita sorte, em alguma medida, porque eu escolhi esse trabalho, já faz muitos anos que eu escolhi... hoje eu posso viver desse trabalho, posso me dedicar. Eu acho que eu sou uma pessoa que vive esse trabalho com muita paixão, com muito amor, com muito envolvimento, muita dedicação... eu não sei se todo mundo entende isso... eu também não tô nem aí... são as minhas escolhas, então eu tô muito bem nesse lugar... não é uma questão pra mim, nunca foi, mas eu acho que também, hoje em dia... o ProfHistória, que é essa minha inserção mais recente, quer dizer, tem 10 anos que eu estou no ProfHistória... uma parte disso eu também fui para a Coordenação Nacional, que é onde eu estou hoje, então já tem uns anos que eu estou na Coordenação Nacional, trabalhando também com... olhando para essa rede, não só aqui da UFSC, mas olhando para o todo dessa rede, isso é algo interessante, que eu nunca pensei que eu fosse fazer isso... acho que essas minhas experiências mais recentes, que é a Coordenação Nacional do ProfHistória, estar numa grande revista, como editora, que é o caso da História Hoje, foram descobertas mais recentes, que eu nunca tinha me visto nesse lugar e hoje eu acho lugares legais, de poder estar em conexão e fazendo trabalhos



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que conectem públicos mais amplos. Então eu estou gostando disso, eu acho que é uma coisa que está me ajudando também, me formando em alguma medida. Mas, assim, eu sou uma professora que estou sempre muito interessada em aprender. Então, acho que eu quero ficar aqui até quando eu estiver com essa chama. Eu sou uma professora que gosta muito de museus, e eu, como uma pesquisadora que fui, que sou, em alguma medida, do campo do patrimônio, é difícil... porque é sempre aquele olhar muito crítico e tudo mais, mas eu gosto muito de arte, muita literatura, então eu leio muito, gosto muito de cinema, gosto muito de arte de um modo geral, gosto muito de viajar... então o meu sonho o futuro é poder viajar muito, conhecer lugares... eu sou muito interessada por culturas, por histórias, por experiências, sou muito flexível nesse sentido e eu acho que ocupo também um lugar dentro desse trabalho que eu faço, tentando também entender a minha desimportância... eu acho que eu sou muito importante no que eu faço, mas eu acho que tem muita gente trabalhando e fazendo tão bem ou às vezes melhor do que eu, então eu tento também não me identificar a tal ponto de achar que eu mereço... acho que as coisas têm acontecido comigo, muitas não planejadas... eu não planejei vir para cá, às vezes quando eu penso que eu estou aqui em Santa Catarina há 15 anos, é assustador, porque eu nunca quis isso assim... nunca foi um sonho, então as coisas foram acontecendo e eu vou vivendo assim, sem pensar muito nas consequências... às vezes eu penso um pouco que, por exemplo, ano que vem



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

eu vou me tornar professora titular... então já está me dando frio na barriga, que em um ano eu tenho um memorial para fazer... vai ter uma banca e talvez alguma coisa mude, depois que eu for professora titular... acho que eu vou trabalhar mais... então tem isso... às vezes eu penso que em algum momento vai vir a crise da aposentadoria, porque as coisas vão mudando muito, e eu não sei... eu também quero ficar aqui, até quando eu me sentir relevante... eu hoje olho para os meus estudantes... a Mônica de 15 anos atrás... eu acho que hoje eu sou uma professora melhor, até porque eu sou mais velha do que eles, porque quando eu cheguei, era uma diferença de idade, agora é outra... eu tenho idade para ser mãe deles, obviamente. E eles têm sempre a mesma idade... [risos]. Eles têm sempre a mesma idade, a gente vai envelhecendo. Então, eu me vi assim, passei a ter uma relação com o tempo diferente nesses 15 anos, passei a me ver como uma mulher mais velha, uma pessoa mais velha, enfim. E estou tentando ainda me reconhecer nesse lugar. Fiz 50 anos, vou fazer 51 agora, então tem tudo isso, esse peso que colocam principalmente para nós mulheres... mas eu ainda vejo, acho que eu me conecto muito com os estudantes, dos mais novos aos mais velhos... enquanto eu perceber essa conexão, eu vou ficar, eu acho que vai fazer sentido para mim... no momento que eu achar que não estou conseguindo mais, porque a gente tem essas crises, a gente está passando por muita mudança, essas mudanças todas das tecnologias, eu ainda... me assustei muito quando os alunos só usavam o



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

celular em sala, eu tô vendo que agora tá tendo uma reversão disso, eu tô gostando, eles estão voltando a usar o computador e a usar o caderno, porque até também eu meio que, eu incentivo muito... pra não dizer que eu obrigo... não, obrigar eu não obrigo, mas eu incentivo muito eles a usarem as escritas de si, os diários de aula, diário de campo, eu não falei disso na entrevista... mas eu uso muito isso como dispositivo de formação e tudo mais. No PIBID também a gente está usando agora, também com isso da escola proibir o celular, então eles têm que ir para a escola sem essa prisão às tecnologias... eu vejo, hoje, parece que os alunos estão voltando a isso, mas eu às vezes tenho um pouco de preocupação se vai chegar um ponto que eu não vou mais dominar as tecnologias, que eu não vou conseguir mais fazer... eu acho que isso ainda vai demorar um pouco, porque para formar um professor, eu acho que é algo muito complexo, que não depende só de um aspecto. Então, a nossa experiência, o que a gente faz, o jogo de cintura, a sabedoria, eu acho que uma certa serenidade que a gente vai ganhando com o tempo, eu pelo menos me sinto assim, um pouco mais serena frente aos problemas que vão aparecendo. Eu acho que são importantes no trabalho que eu faço hoje, esse trabalho de ouvir, de conectar, de lidar com as inseguranças, seja lá na graduação, seja no ProfHistória, de entender que vai dar tudo certo. Às vezes o caminho é meio tortuoso, mas que a gente consegue. Então, hoje eu me vejo nesse lugar. Para o futuro, ter um pouco disso, um pouco de medo de não me sentir importante, e



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

aí talvez eu me volte para projetos pessoais, isso de viajar, de sei lá... Já cheguei às vezes a pensar em fazer uma outra licenciatura, não sei, mas ainda não tenho nada muito formal.

E 1: E o teatro?

R: O teatro nunca mais foi uma opção, mas você sabe que eu falo para os meus alunos que todo professor deveria fazer teatro, porque a gente em sala de aula é um personagem... eu viro um personagem nas minhas aulas... aprendi a perder a vergonha em sala de aula... “eu não tinha vergonha no teatro e por que eu vou ter vergonha aqui?” E eu ensino para eles que é isso... no teatro a gente aprende a postar a voz, falar, o diretor falava... “tem que falar para lá! Quem está lá na última fila tem que te ouvir!” Então o professor tem que aprender isso, tem a performance, então no teatro não sei se eu me vejo mais, mas eu sou muito interessada pelo mundo das linguagens, ainda que não me não domine, mas eu me interesse muito, acho que isso é muito importante no campo do ensino... mas eu tenho muitos interesses desde, sei lá, de fazer Psicologia e fazer Letras... eu não me vejo no único lugar... quando me aposentar, espero poder ficar bastante tempo e se não ficar, que também tenha energia e acho que desejo poder fazer outras coisas e recomeçar a vida, porque também não quero achar, não gostaria de achar que tudo se encerra aqui, nesse trabalho.



HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Acho que não, espero que não, espero poder viver outras experiências também. Mas aqui tá legal, tô gostando.

E 1: Isso... aí, para finalizar, pedimos que você expresse autorização para que o grupo de pesquisa trabalhe com esse material... obviamente, ele vai passar por revisão, só precisamos da sua autorização.

R: Sim, vocês têm toda a minha autorização para poder usar a entrevista, usar as imagens, a gente se preparou para isso aqui hoje, estou bem feliz que vocês vieram. Mas, da minha parte, está tudo plenamente autorizado, podem fazer uso, o que quiserem. Espero que ajude em alguma coisa.

E 1: Obrigado, professora. Eu, professor Cristiano, e...

E2: ... professora Patrícia... a gente agradece e finalizamos a nossa entrevista de hoje. Muito obrigada, professora.

R: Obrigada.